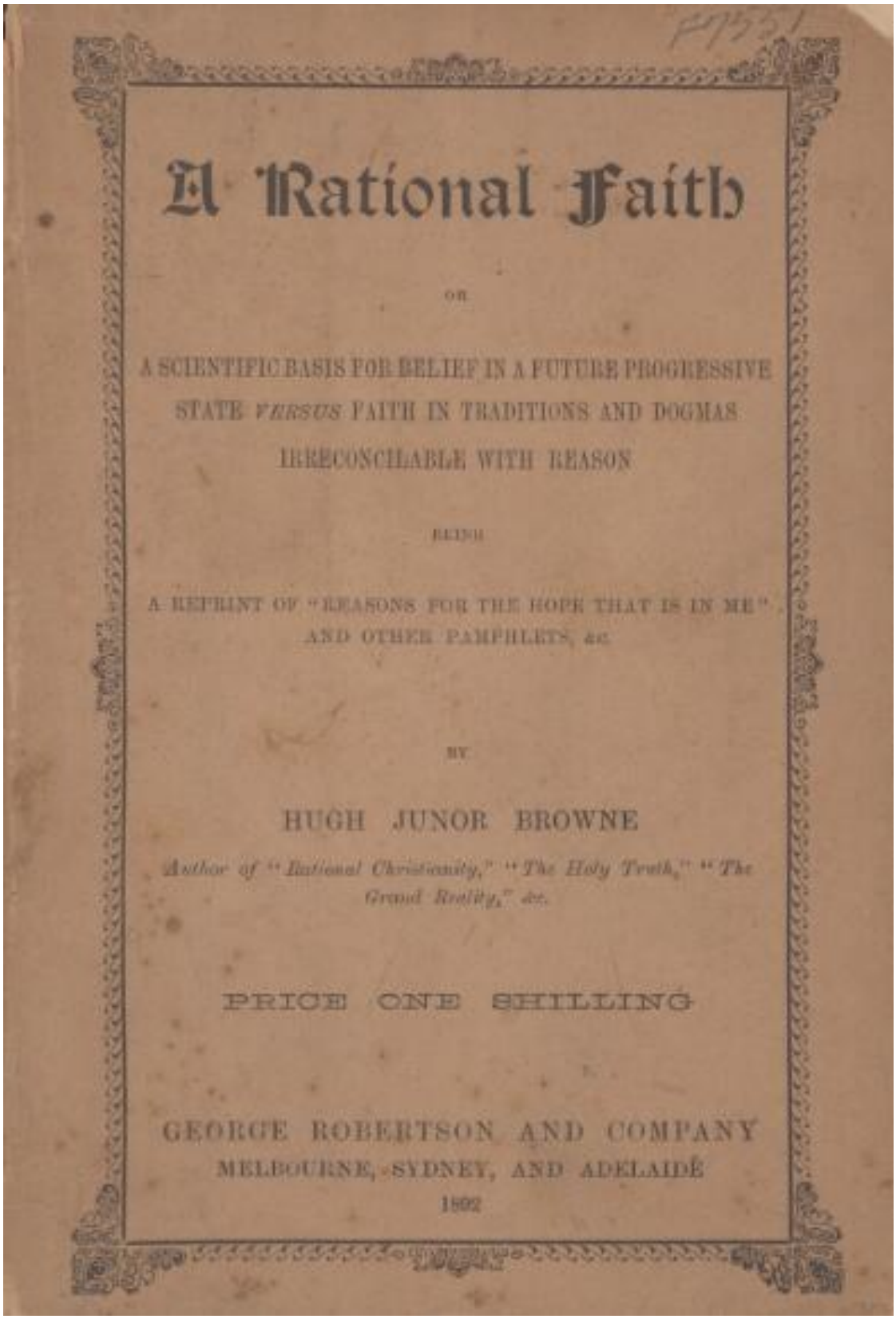
UMA FÉ RACIONAL



A Rational Faith

OR

A SCIENTIFIC BASIS FOR BELIEF IN A FUTURE PROGRESSIVE STATE *VERSUS* FAITH IN TRADITIONS AND DOGMAS IRRECONCILABLE WITH REASON

BEING

A REPRINT OF "REASONS FOR THE HOPE THAT IS IN ME" AND OTHER PAMPHLETS, &c.

BY

HUGH JUNOR BROWNE

Author of "Rational Christianity," "The Holy Truth," "The Grand Reality," &c.

PRICE ONE SHILLING

GEORGE ROBERTSON AND COMPANY
MELBOURNE, SYDNEY, AND ADELAIDE
1892

Tradução de Amadeu António Duarte

Hugh Juno Browne

UMA FÉ RACIONAL

OU

UMA BASE CIENTÍFICA PARA A CRENÇA NUM ESTADO DE PROGRESSO FUTURO VERSUS FÉ NAS TRADIÇÕES E DOGMAS IRRECONCILIÁVEIS COM A RAZÃO

POR

HUGH JUNOR BROWNE

GEORGE ROBERTSON E COMPANHIA
MELBOURNE, SYDNEY E ADELAIDE
1892

AS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

Passo, agora, a relatar algumas das muitas experiências maravilhosas por que passei desde que a primeira oportunidade se me apresentou para investigar o Espiritualismo; não com a ideia de que as minhas experiências convençam os outros, pois só a investigação pessoal pode fazê-lo em matérias contra as quais existe um preconceito tão grande. O meu objetivo ao submeter estas experiências à consideração dos buscadores da verdade é induzi-los a investigar pessoalmente este assunto significativo e grosseiramente deturpado e, assim, partilhar comigo e com milhares de outros que perceberam as verdades que encerra e que satisfazem a alma, a felicidade que o conhecimento delas conferiu e o consolo que nos momentos de provação que tal conhecimento traz consigo, e que nenhuma religião fundada na mera crença pode fornecer.

Há cerca de dezassete anos conheci um amigo em Melbourne, Austrália, onde resido há quase quarenta anos, que, como eu, admirava a filosofia do Espiritualismo Moderno, embora duvidasse da realidade dos relatos das manifestações. Perguntou-me se eu tinha ouvido falar da chegada da América do célebre médium Charles Foster. Respondi que não, e acrescentei:

"Quero muito ver um médium vivo," pois, à semelhança de outros que nunca testemunharam manifestações espirituais, passei a encarar os médiuns como

malandros, que, por algum artifício ardiloso, podiam fazer mesas mexerem-se ou produzirem raps (estalidos secos) à vontade.

Ao ser informado do endereço do Sr. Foster pelo meu amigo, que me informou que até aquele momento não o tinha visto, imediatamente fui fazer uma breve visita ao Sr. Foster. Ele recebeu-me de modo afável, e consentiu em conceder-me uma sessão de imediato. A primeira pergunta que me dirigiu foi:

"Você sabe alguma coisa sobre o Espiritualismo?"

Ao que respondi que tinha lido livros sobre o assunto, mas que queria provas demonstráveis da sua realidade antes de poder aceitá-lo como verídico.

Ele disse que poderia dar-mas e, entregando-me um papel e um lápis, pediu-me que escrevesse o nome de qualquer amigo que tivesse na vida espiritual com quem eu gostaria de comunicar enquanto ele ia sair da sala; não para lho mostrar, mas para dobrar o papel com o nome dentro, e entregá-lo a ele tão logo retornasse. Assim que Foster fechou a porta atrás dele, olhei ao redor da sala para ver se havia algum espelho para atuar como refletor, ou quaisquer fios que atuasse como condutor. Não encontrando nenhum, escrevi o nome do meu pai, que, naquela época, estava "morto" fazia trinta anos, e dobrei o papel conforme as instruções.

Ao voltar a entrar na sala, entreguei-lhe o papel, que ele manteve na mão esquerda, dobrado como estava, e disse-me:

"O espírito cujo nome escreveu manifestará a sua presença, fazendo com que as suas iniciais apareçam no verso da minha mão, aquela em que eu seguro o papel."

Sentei-me ao lado esquerdo dele, sem jamais perder a mão dobrada com o papel da vista desde o momento em que ele o apanhou. Quando olhei para as costas da mão dele, observei as iniciais do meu pai, A. B., a aparecerem, a princípio numa cor rosa pálida, e depois a escurecer gradualmente até atingir um vermelho profundo. Após alguns segundos, elas gradualmente foram ficando cada vez mais claras até desaparecerem.

Sendo cético, os pensamentos que me passavam pela mente na altura foram:

"Este é um truque muito inteligente, mas como é que ele, um perfeito estranho para mim, conhece as iniciais do meu pai sem abrir o papel?"

Enquanto eu pensava, Foster, ainda com o papel dobrado agarrado à mão esquerda, de repente entrou em transe, um estado que eu nunca tinha testemunhado antes, e assim se dirigiu a mim: "Meu querido filho, eu sou o teu pai, Archibald Browne. Esta é uma oportunidade que há muito tempo aguardo."

Eu aqui interrompi observando que o meu pai não falava com sotaque Americano. A resposta que ele me deu foi:

"Estou apenas a fazer uso dos órgãos vocais deste homem para te expressar meus sentimentos." Então, eu disse: "Pode ser; mas exigirei mais provas antes de crer que tu és o espírito do meu pai, como professas ser."

A resposta que ele me deu foi:

"Quando tu eras menino eu levei-te a fulano," [mencionando vários lugares na Escócia que eu tinha visitado com o meu pai na minha infância. O meu pai passou para a outra vida quando eu estava com cerca de catorze anos de idade].

"Quando foste para Liverpool," [depois da sua morte] "eu estava contigo. Quando foste para a África, eu estava contigo, e desde que vieste para este país [Austrália] eu estive contigo."

Estas observações trouxeram-me à mente a mulher de Samaria, que terá dito:

"Venham ver um homem que me contou todas as coisas que eu fiz."

Ele continuou dizendo:

"Tu tens mudado as perspetivas teológicas que tinhas há algum tempo e tens dado aos teus próprios poderes de raciocínio o crédito disso."

Eu disse que era o caso, e que só devia ao facto de ler a minha Bíblia cuidadosamente que eu tinha visto na obrigação de rejeitar a autoridade divina dela, como popularmente é afirmado. A isso ele respondeu:

"Deves, no entanto, dar-me um pouco de crédito por te permitir vê-la a uma nova luz. Estive vários anos no mundo espiritual antes de descobrir que o que eu ensinava na Terra não era verdade, e assim que o fiz comecei a impressionar-te a mente para passares a ver a teologia a uma luz diferente."

Eu disse que podia ter sido esse o caso, porquanto isso explicava o que eu nunca antes pudera entender — ou seja, como de uma ortodoxia extrema eu tinha quase subitamente derivado para heterodoxia extrema cerca de seis anos antes. Perguntei então se, ao entrar na vida espiritual, ele não percebera as esperanças e expectativas que tinha quando estava na terra, se não percebera imediatamente o caráter erróneo da crença religiosa que tinha.

Ele respondeu que, depois da sua entrada na vida espiritual, encontrara um velho professor de teologia, com quem havia estudado nesta vida, e por quem nutria um grande respeito; e, por quem, em resposta às suas indagações, fora informado de que as Escrituras eram mal interpretadas na terra, e que o Cristo não lhes apareceria até o dia do juízo.

Essa explicação, vinda de alguém que ele tanto estimava, disse ele, tinha-o convencido durante um tempo, mas gradualmente a luz da verdade começou a brilhar no seu entendimento obscuro, e ele percebeu o caráter erróneo da sua crença, e que ele, então, embora eu não estivesse ciente disso, me impressionara a ver as coisas a uma luz diferente. Concluiu dizendo:

"Passei a maior parte da minha vida na terra a divulgar o que era falso e ilusório, por não ter feito uso da minha razão na religião como fiz em todas as outras áreas, e desejo, que procures desfazer, em todas as ocasiões ao teu alcance, os erros que assim cometi quando estive na terra."

Prometi que o faria, promessa essa que cumpri fielmente até o dia de hoje, e que pretendo continuar a fazer até me juntar ao meu pai e a outros amigos no mundo dos espíritos. Essa, dizem-me aqueles que estão em condições de saber, é a missão que tenho aqui na terra.

"E só a verdade, até onde me leve o destino,
Em cenários de abundância ou de terra árida,
Há de ser o meu fim e objetivo, a minha glória até ao término."
(William Cullen Bryant)

Quando Foster saiu do transe, e enquanto eu contemplava o que me tinha sido dito através dele, ele disse-me no seu estado de consciência normal:

"Tem alguém no mundo espiritual com o nome de Ada, porque há uma criancinha ao seu lado, de olhos azuis e cachos dourados, que responde por esse nome."

Eu disse que tinha perdido uma filhinha com esse nome, e que correspondia a essa descrição, alguns anos antes, mas que ela não me passava pela cabeça havia semanas. Ele então disse:

"Ela deseja que eu lhe diga que está muito feliz, e está frequentemente consigo e os de em casa, embora você não a veja."

Devo aqui mencionar que, em consequência disso e da corroboração que fez através de eventos posteriores, mandei inscrever na sua lápide o seguinte versículo:

"Pode ter certeza mãe, de que daquele lugar angelical voltarei;
Ainda que não veja a minha forma, o seu rosto verei;
Ainda que não me ouça falar, o que disser vou escutar
E estar muitas vezes, muitas vezes consigo, quando longe me imaginar."

Foster disse-me então:

"Há alguém aqui que fala consigo numa língua curiosa."

Pedi-lhe que repetisse o que dizia, quando ele disse:

"É algo como *saca bona*."

Ao que eu respondi: *"Saca bona waitoo,"* e perguntei se ele poderia obter o nome do espírito que falava nessa língua. Foster respondeu:

"Ele dá o nome de Henry Shire," o que me surpreendeu muito, pois conhecera um velho cavalheiro com esse nome muitos anos antes, que falava essa língua. Eu então perguntei se Foster poderia ver o espírito que dava esse nome, e ele disse:

"Sim, ele aparece como um homem muito robusto."

Eu então disse:

"Se for o meu velho amigo, Henry Shire, ele quererá dar-me o apelido por que os nativos costumavam tratá-lo?"

Foster disse:

"Ele afirma que era *nonguambeen*," ao que eu respondi:

"Está certo,"

Foster então perguntou-me o que significava nonguambeen, e eu respondi:

"Uma grande abóbora, que os nativos o chamavam por ser tão robusto."

Ele pesava quase 120 quilos. Foster então disse-me:

"Ele está a falar um pouco mais nessa língua," que, ao repeti-la, eu entendi. Foster então perguntou-me que língua era, e eu informei-o de que se tratava do idioma Kaffir, que eu, em jovem, tinha aprendido a falar quando estava em Natal muitos anos antes. Perguntei a Foster como é que eu não via o espírito nem o ouvia falar como ele (Foster). Ele respondeu:

"Você evidentemente não é tão mediúnico quanto eu, e não cultivou as suas faculdades clarividentes e clarividentes."

Ao entregar a Foster o seu cachê pela sessão, disse-lhe: "Bem, Foster, eu vim com a ideia de que lhe iria pagar um soberano a contragosto, pois eu encarava-o como a todos os médiuns como pouco mais do que impostores. E agora pago-lhe de forma mais magnânima e grata, por você ter solucionado a questão que atraiu a minha atenção estes anos passados, e me deu mais conhecimento espiritual numa sessão do que todos os paroquianos fizeram durante a minha vida."

Quando eu estava a sair da sala, Foster disse-se:

"Você não precisa depender da minha mediunidade, pois os seus amigos espirituais dizem que toda a sua família é composta de médiuns, e se você só fizer círculos em casa, descobrirá que é verdade."

Fui tão pouco generoso na altura a ponto de pensar que, ao dizer isso, Foster só estava a lisonjear-me para obter outro soberano da minha parte, mas nisso cometi uma grande injustiça para com ele, conforme os acontecimentos subsequentes me provaram.

As palavras não conseguem expressar o sentimento animado que experimentei, e com que leveza de passo eu percorri o meu caminho para minha casa depois das minhas experiências naquele dia com Foster. Ao relatá-los à minha esposa e a uma amiga íntima, a Sra. G.---, que estava presente, para meu grande espanto, já que até aquele instante ambas se opunham fortemente a qualquer coisa relacionada com o Espiritualismo Moderno, cada uma delas expressou o desejo de ter sessões com Foster. Depois soube que foi por Foster ter mencionado o nome, e ter descrito com tanta precisão a nossa filhinha, Ada, que o coração da mãe foi tocado, e foi isso que causou uma mudança tão repentina em relação aos sentimentos que tinha com relação a esse assunto até então detestado.

Na manhã seguinte, dirigimo-nos os três para os aposentos de Foster. Antes de sair de casa, a minha mulher tirou do seu álbum fotográfico umas vinte ou mais fotografias de crianças, para testar a veracidade da sua afirmação sobre ter visto a nossa filha, Ada, no dia anterior. Ao apresentar as senhoras a Foster como minha esposa e minha amiga, a primeira delas perguntou se ele conseguiria reconhecer a fotografia do espírito de criança que ele havia descrito no dia anterior. Ele respondeu que conseguia, e assim que a minha esposa espalhou as fotos das crianças diante dele, sobre a mesa, ele imediatamente disse: "Esta é a sua filhinha, Ada, que me apareceu ontem," apontando para o retrato dela. Tanto a minha esposa quanto a Sra. G.--- obtiveram alguns testes maravilhosos naquele dia.

Numa das minhas muitas visitas aos quartos de Foster, levei comigo um amigo de origem Holandesa, viúvo, e por minha sugestão ele colocou todas as suas perguntas em Holandês, uma língua que Foster me garantiu que não entendia. Apesar disso, o meu amigo recebeu respostas corretas para todas as suas perguntas, conforme ele então me garantiu. A esposa dele, que havia "morrido alguns anos antes, deu-lhe um relato correto das circunstâncias de sua "morte," e assegurou-lhe que tal era a natureza da sua doença que a destreza de todos os médicos do mundo não poderia tê-la salvo.

Numa outra visita, enquanto estava a caminho de uma visita a Foster, conheci um velho amigo que era subeditor do principal jornal de Melbourne. Perguntei-lhe se tinha visto Foster, ao que ele respondeu que não; e quando eu disse que ia visitar Foster, ele ofereceu-se para me acompanhar. Enquanto caminhava ao meu lado, disse: "Se Foster puder me dizer o nome de solteira da minha mãe, que ninguém na colónia além de mim próprio conhece, terei uma visão do Espiritualismo diferente da que tenho."

Ao apresentar esse senhor como representante da imprensa a Foster, ele perguntou-lhe se poderia dizer o nome de solteira da mãe. Foster respondeu:

"Se você se sentar com o Sr. Browne e comigo, vou ver se consigo." Assim que nos sentamos, Foster disse:

"A sua mãe, a Sra. S.---, está presente. Ela diz que o seu nome de solteira era fulana; ela morreu no seu nascimento, e teria vivido na terra até hoje se tivesse sido tratada adequadamente pelo médico que a assistiu," &c.

O meu amigo ficou muito surpreendido ao ouvir isso, e garantiu-me que estava tudo correto, afirmando que corroborava o que a sua tia, que o criara desde a infância, lhe havia dito sobre sua mãe e a sua "morte", &c.

Numa outra ocasião, consegui que um jovem amigo, muito avesso ao Espiritualismo, me acompanhasse aos aposentos de Foster. Quando Foster entrou na sala em que estávamos, disse ao meu amigo:

"Jovem, os seus amigos espirituais desejam que eu lhe diga que você não tem muito tempo de vida na Terra. Dizem no máximo três anos. Os Espíritos raramente fazem tais observações, de modo que os seus amigos espirituais devem ter um objeto especial qualquer em vista para lhe dizerem isso."

Intervim para dizer que pela minha parte esperava que não fosse verdade, pois o Sr. M.--- era o amigo que eu tinha nomeado no meu testamento para agir como meu testamenteiro e administrador do meu espólio por altura do meu falecimento.

O meu amigo, que tinha menos de trinta anos de idade e gozava de saúde, ridicularizou a previsão, que, segundo ele, apenas confirmava o desprezo que sentia pelo Espiritualismo. Dentro de três anos, a contar dessa data, porém, o meu jovem amigo estava 'morto,' vítima de hidátides (Quistos no fígado). Segui o corpo até a sepultura e, desde então, fui curador da viúva e dos filhos, até deixar a colónia na minha atual visita a este país.

A primeira vez que Foster nos visitou na nossa casa, ele pegou um álbum fotográfico que estava numa das mesas da sala de desenho. Passando as folhas em revista, apontou as semelhanças de mais de uma dúzia de amigos que tinham

passado e que lhe tinham aparecido durante as sessões que tínhamos tido com ele nos seus aposentos. Quando lhe disse que havia a semelhança com uma que ele me descrevera e que ele não havia reconhecido, ele virou algumas folhas e observou:

"Esta é parecida com o J.P.," e nomeou o filho de um primo meu que havia "morrido" na colónia pouco tempo antes de tuberculose, e acrescentou:

"Mas quando ele me apareceu tinha bigodes."

Eu disse: "Você tem toda a razão; ele tinha antes de morrer,' mas a imagem dele foi tirada em Glasgow antes de partir para esta colónia, e nessa altura não tinha deixado crescer os bigodes a esse ponto."

Durante a estadia de Foster em Melbourne, um amigo que tinha estado em várias sessões veio certa noite, e por sugestão sua sentámo-nos todos à volta da mesa para ver se conseguíamos obter alguma manifestação. Depois de um ou dois de nós termos segurado um lápis na mão durante alguns minutos, sem qualquer resultado, o lápis e o papel foram passados à minha filha mais velha, uma rapariga então de onze anos, agora casada e com família própria. Assim que ela pegou no lápis, a sua mão começou a mexer involuntariamente, e ela bradou:

"Ah, mãe, estou tão assustada, a minha mão está a escrever."

Eu e a mãe pacificámo-la dizendo que não havia nada a recear e, ao pegar no papel, encontrei uma mensagem da minha irmã mais velha, assinada por ela, não exatamente na caligrafia da minha irmã, mas bem diferente da da minha filha.

Essa irmã, esposa de um coronel do exército, tinha "morrido," na sua passagem da Índia para casa, vários anos antes de a minha filha mais velha nascer.

Diversas outras mensagens daqueles que tinham passado para a vida superior também foram recebidas pela mão da minha filha nessa noite. Uma delas era de um parente do cavalheiro que havia sugerido a sessão. Posso afirmar que nem a minha filha nem nenhum membro da família conhecia nada dos familiares desse cavalheiro e que, através da mensagem que recebeu naquela noite, partiu para a Europa pelo navio de correio a vapor que estava de saída.

Tendo descoberto que tínhamos uma médium na nossa própria família, começamos a realizar sessões regulares. Nelas, costumávamos receber comunicações pela mão da minha filha, tanto de amigos como de estranhos que tinham passado para a vida superior, e sobre assuntos dos quais a minha filha era inteiramente ignorante. A sua mão era frequentemente controlada para escrever em línguas estrangeiras. A título de exemplo, posso referir que, numa noite, quando estávamos sentados para comunicação, a sua mão pegou subitamente no lápis de uma forma curiosa. Pegou nele entre o segundo e o terceiro dedos, com a haste a apontar para cima entre o polegar e o indicador, e começou a formar, muito apressadamente, o que parecia caracteres Chineses.

Ao mostrar as dezanove páginas que a mão dela redigira assim a um Chinês que nos fornecia legumes, e perguntar-lhe se ele sabia o que estava escrito, ele perguntou:

"Quem escreveu isto?" e continuou dizendo: "Como a escrita do Chinês; não sabe escrever bem."

Eu disse-lhe: "Não importa quem o escreveu. Você pode lê-lo?"

Ele respondeu que podia ler algumas delas, mas que havia outras partes tão mal escritas que ele não conseguia lê-las. Disse-lhe então que fora escrito pelo espírito de um dos seus conterrâneos, pela mão da minha filha.

Em vez de ficar surpreendido com isso, como eu esperava que ele ficasse, ele disse:

"Ah, eu sei!" e começou a descrever como os chineses comunicam com os seus amigos na vida espiritual, ou seja, por meio de uma bandeja de areia fina, sobre a qual eles seguram um bastão, e como o bastão é movido por um agente invisível e a ponta desse bastão forma os caracteres chineses na areia, e, depois de recebida cada mensagem, agitam a bandeja, de modo a deixar a areia lisa para a comunicação seguinte.

Ao mostrar-lhe a forma como a minha filha segurara o lápis na mão, quando controlado para escrever Chinês, ele explicou que era assim que os chineses seguravam as suas varetas quando escreviam.

A minha filha disse que sentia uma dormência estender-se sobre o braço direito toda vez que era controlado escrever, e o seu principal guia espiritual informou-nos, através da sua mão, que isso decorria do corte da conexão entre o cérebro e os nervos do seu braço, de modo a torná-lo suscetível ao controlo dos invisíveis. A minha filha era o que se chama de médium de escrita automática, e depois desenvolveu outras fases da mediunidade, a saber, clarividência, clariaudiência, &c.

Em uma ocasião, recebi parte de uma mensagem pela mão da minha filha, e então disseram-me que o amigo espiritual que comunicava a terminaria pela mão de Foster. Na visita que fiz a Foster, a parte final dessa mensagem foi escrita pela mão de Foster, conforme prometido.

Numa outra ocasião, encontrei um homem de cor na rua, que considerei um Kaffir, devido a um grande buraco que tinha nos lóbulos das orelhas, no qual frequentemente carregavam as suas longas caixas de rapé. Ao dirigir-me a ele na sua própria língua, pareceu bastante espantado. Pedi-lhe que me vir ver na noite seguinte, o que ele fez, quando o coloquei num assento um pouco longe da mesa, e depois chamei a minha filha para a sala para ver se conseguíamos receber alguma mensagem dos seus amigos na vida espiritual. Assim que ela colocou o lápis no papel, a mão começou a escrever na língua Kaffir.

Posso afirmar que ela não conhecia bem o idioma, por só ter nascido depois de eu ter voltado para a Austrália, após a minha segunda visita à África. Ao ler para o meu conhecido de cor o que tinha sido escrito pela mão da minha filha, ele ficou evidentemente muito alarmado, afirmando que o autor da comunicação, um conterrâneo seu, tinha morrido. Mas eu disse que o seu *enslenzeo*, ou espírito, ainda vivia, e que era o espírito do seu amigo que controlava a mão da minha filha para escrever. Isso não pareceu ter muito efeito em apaziguar o alarme dele, uma vez que os Kaffirs, via de regra, têm medo de fantasmas ou espíritos.

Algumas das palavras do que lhe li estavam além do meu conhecimento da língua, mas ele entendeu-as.

Finalmente cheguei a uma palavra que, pronunciando-a como pude, ele não entendeu. Como eu estava prestes a desistir desesperado, foi escrito "clique com a boca" em Inglês na parte inferior da folha de papel. Imediatamente pronunciei a palavra com um clique, o que é comum na língua Kaffir, e o meu amigo de cor entendeu.

Um dia, em sessão de comunicação com os nossos amigos espirituais, a meio de uma mensagem, a mão da minha filha escreveu: "Abaixe esse balão." Eu disse à minha esposa, que estava sentada à esquerda da minha filha, enquanto eu me sentava à sua direita:

"O que têm eles que ver com balões no mundo espiritual?"

Erguendo o olhar, encontrei a minha esposa a sorrir, e ela disse:

"Não vês que ela [a nossa filha] está, como uma criança, a brincar com um balão de brinquedo na mão esquerda, enquanto a mão direita está a ser controlada para escrever para nossa informação?"

Eu estava a olhar tão atentamente para o que a mão direita da minha filha estava a escrever que não tinha reparado no pequeno balão de brinquedo que tinha na mão esquerda. Menciono esta circunstância para mostrar que a mente da nossa filha nada tinha que ver com o que era escrito mecanicamente através da sua mão por uma inteligência exterior e invisível.

Em geral as comunicações recebidas pela mão da minha filha eram escritas com extraordinária rapidez, mas outras vezes muito lentamente. Às vezes, as mensagens eram escritas de cabeça para baixo, de modo que tínhamos que virar o papel de cima para baixo antes de poder lê-las, e ocasionalmente eram escritas para trás, de modo que tínhamos que inverter o papel e colocá-lo entre a luz e nós antes de podermos perceber o que estava escrito.

Sei que algumas pessoas conseguem fazê-lo por o terem praticado, coisa que a minha filha não fez. No entanto, a natureza das mensagens assim recebidas era suficiente para refutar a ideia de que a criança tinha praticado a escrita dessa forma para enganar os pais, como os opositores poderiam sugerir. Um dos nossos amigos espirituais — a saber, o médico que tinha assistido no nascimento da nossa filha — costumava, quando comunicava através da mão, escrever sempre na perpendicular e de cima para baixo no papel, em vez de na horizontal, e tínhamos de virar o papel de lado, ou na longitudinal, antes de podermos ler o que estava escrito nele.

Passado um tempo, a nossa filha tornou-se clarividente e clariaudiente, bem como médium de escrita. Ela costumava descrever os diversos espíritos presentes, dar seus nomes, que, ao serem solicitados, se apresentavam de modo a tornarem-se visíveis para ela, e posteriormente ela repetia as mensagens que eles lhe transmitiam. Ela às vezes descrevia alguns dos meus antigos servos Kaffir que haviam "morrido," e mencionou numa ocasião a marca de um corte profundo que um deles tinha no rosto, deu o seu nome, e repetiu depois dele uma mensagem na língua Kaffir, como Foster fez no caso que contei de meu velho amigo, Henry Shire.

Quando o meu filho mais velho passou para a vida superior vítima da febre tifoide, a irmã mais velha, então uma menina de dezasseis anos, ficou ao lado da cama e descreveu-me a passagem do espírito do corpo físico quase exatamente como Andrew Jackson Davis relatou no que testemunhou por altura do falecimento de um amigo seu, na sua obra intitulada *"Death and the After-life,"* um livro que a minha filha jamais tinha lido.

Ela também descreveu e mencionou os nomes dos nossos amigos espirituais que estavam à espera para receber e guiar o nosso filho para a sua morada no mundo espiritual. Permitam-me que pergunte aqui a quaisquer pais, por mais contrários que possam ser ao Espiritualismo Moderno por desconhecimento do mesmo, se será de todo provável que em tal momento uma filha tente enganar um pai, ou se será provável que eu, que não posso ter nada a ganhar com isso, conte num assunto sagrado como este, uma falsidade deliberada? Não.

Podem ter a certeza de que, a não ser com o único propósito de induzir outros a investigar o Espiritualismo e, assim, partilhar comigo o verdadeiro conforto e consolo que o seu conhecimento proporciona na hora da provação, eu não deveria, pois, expor a um público insensível e indiferente questões familiares de caráter tão privado e, para nós, sagrado.

Posso aqui acrescentar que, enquanto o corpo do nosso filho mais velho estava deitado no caixão, num aposento, ele estava a escrever através da mão de irmã no cómodo do lado um relato dos vários amigos espirituais que conhecera desde que passara para a vida espiritual, e a mencionar aqueles a quem ele estava mais ligado. Vários dos nossos outros filhos, dos quais tivemos onze, também desenvolveram mediunidade de escrita e clarividência, e desde então eu ocasionalmente tive vislumbres do mundo espiritual, de modo que posso descrevê-lo, e tenho visto, sentido e ouvido espíritos quando ninguém na carne estava presente, exceto a minha esposa e eu. Entrar nos detalhes de todas essas manifestações espirituais preencheria um grande volume, por isso passarei para outras experiências.

EXPERIÊNCIAS DE TESTE MARAVILHOSAS

ENTRE sete e oito anos atrás, o nosso quarto filho, então com cerca de dezoito anos de idade, em conjunto com um jovem que era meu empregado, comprou um iate chamado Iolanthe. Depois de terem feito umas ligeiras alterações nele, eles, com o nosso terceiro filho, de vinte anos, iniciaram uma viagem experimental com ele num sábado à tarde, muito contra a vontade da mãe, com a promessa de que regressariam cedo na segunda-feira.

Como eles não o fizeram, e não conseguiram comparecer na manhã de terça-feira, a minha esposa ficou com muita ansiedade, pelo que chamei um amigo, o Sr. George Spriggs, de Cardiff, País de Gales, um médico clarividente, que havia prescrito à minha esposa com resultados benéficos em uma ocasião anterior. Ele não nada sabia sobre a ausência de nossos filhos, e eu apenas pedi que ele nos concedesse uma sessão, dizendo que minha esposa não se sentia nada bem. Imediatamente ele passou para o estado de transe e disse:

"Ah! Percebo que tem tudo que ver com o mar." Então perguntei-lhe o que havia de errado. Ele, ainda em estado de transe, disse: "Se me der algo que lhes pertença," sem dizer a quem o *'eles'* se referia, "esforçar-me-ei por lhes seguir o rastro." Sem mencionar os nomes de nossos filhos ausentes, fui buscar os livros de bolso deles que eles tinham deixado nos seus quartos, e coloquei-os nas mãos do médium inconsciente.

Ele quase imediatamente começou a seguir os nossos filhos desde o momento em que eles saíram de casa até o momento em que o iate, que ele descreveu, naufragou, o que ele afirmou ter ocorrido às nove horas da manhã de segunda-feira devido à amarra da vela da proa se ter enroscado numa rajada de vento enquanto manobravam o iate para mudar de bordo. Prosseguiu dizendo que o iate tinha caído em águas profundas e que, consequentemente, não seria trazido para terra.

Isto revelou-se correto, pois ainda não foi encontrado um pau sequer dele, embora eu tenha oferecido uma bela recompensa a qualquer um dos pescadores que me trouxessem qualquer coisa pertencente ao barco.

Ao sair do estado de transe o Sr. Spriggs garantiu-me que não sabia nada do que havia dito enquanto estava em transe. Posso aqui observar que o Sr. Spriggs é um jovem por quem tenho elevada consideração. Não tenho conhecimento de uma só mancha no seu carácter, embora eu tenha estado em termos de amizade íntima com ele desde que ele desembarcou na Austrália — um elogio que posso prestar a poucos mais. Antes de o Sr. Spriggs partir naquela manhã, mencionei a ausência dos nossos filhos e o que havia sido dito através dele quando em transe, e ele gentilmente prometeu conceder-nos uma sessão no dia seguinte.

Na manhã seguinte, quando o Sr. Spriggs entrou em transe, o nosso quarto filho, o mais novo dos dois que se afogaram, veio e falou connosco através do médium, e contou-nos tudo sobre a ocorrência em corroboração do que o Sr. Spriggs havia descrito em transe no dia anterior. Na sessão de comunicações que fizemos na manhã seguinte, o nosso outro filho, que se havia afogado, falou através do Sr. Spriggs, dizendo que ele estava demasiado excitado no dia anterior para falar de forma inteligível através do médium, e deu-nos mais detalhes sobre a catástrofe.

Ambos nos garantiram que não tinham sofrido nenhuma dor corporal no afogamento, que as palavras de súplica da mãe para que não saíssem no veleiro na noite em que partiram golpearam vividamente ambos ao se encontrarem na água, sem nenhuma embarcação à vista que lhes prestasse assistência, e que os sentimentos de remorso que isso lhes causava pareciam amortecer toda a sensação de sofrimento físico.

O jovem que se afogou com eles também falou através do médium, revelou o nome e pediu perdão à minha esposa, já que ele era o mais velho dos três, e ter sido parcialmente culpado por eles terem saído na noite aludida. Sabendo que esse jovem — de nome Murray — tinha um certificado de Imediato (primeiro oficial ou chefe de convés) da marinha, pensei que eles estavam bem, e não interpusemos para impedir a sua partida quando o fizeram.

A minha esposa, que é muito mais intuitiva do que eu, evidentemente ficou impressionada, pois ela, em mais de uma ocasião depois que eles terem partido, me disse:

"Espero que os meninos estejam bem naquele barco."

Em uma das comunicações que fizeram através do médium, disseram que se não pudessem comunicar connosco, para nos dizer que ainda viviam e nos amavam, ter-se-iam sentido infelizes; na condição em que se encontravam, mesmo que eles possuíssem o poder de assumir novamente os seus corpos físicos, eles não o fariam, pois a beleza e o prazer que experimentavam no mundo espiritual estavam além do seu poder de descrição. Eles disseram à sua mãe para me agradecer por ter mantido os portões do Espírito abertos, de modo a permitir que eles voltassem e lhes aliviasse a mente a ela e a todos nós.

Embora tenha feito todos os esforços para obter notícias dos desaparecidos, não consegui obter qualquer informação terrena sobre eles nem sobre o iate até cerca de quinze dias depois de terem saído de casa, quando o corpo do rapaz mais novo foi trazido para terra, a cerca de dez milhas de Melbourne, sem um dos seus braços, que evidentemente tinha sido arrancado do corpo por um tubarão.

No seu funeral, depois de eu ter falado sobre a sua sepultura, um amigo que ocupava uma posição de destaque no Governo, e que desde então resolveu o grande mistério, veio ter comigo e disse:

"Que sangue-frio não é preciso ter para falar como fizeste sobre a sepultura do teu filho." Eu respondi: "Não é sangue-frio, mas conhecimento que possuo, que me permite assim falar. Se não estivesse em posse desse conhecimento glorioso, teria os olhos agora banhados em lágrimas."

Alguns dias depois, um amigo, que é um grande médium clarividente e clarividente, e que na época residia em Adelaide, Austrália do Sul, que fica a cerca de 650 quilómetros (em linha reta) de Melbourne, escreveu-me a dizer que o meu outro filho, o mais velho dos dois que se tinham afogado, viera até ele e dissera que um peixe grande havia mordido parte do braço direito do seu corpo, e tinha levado igualmente o seu colete. Ao perguntar se era um tubarão, o meu filho respondeu: "Pode ter sido, mas eu nunca vi um como aquele antes."

Dois dias depois, um grande tubarão foi capturado em Frankston, que fica a 43 quilómetros de Melbourne. Um jovem amigo do meu filho, que por acaso estava presente quando o tubarão foi capturado, sugeriu ao polícia ali estacionado que o tubarão fosse aberto, para ver se havia algo nele pertencente aos três jovens que se tinham recentemente afogado em Port Phillip Bay.

Ao abrir o tubarão, que era um tubarão branco, de águas profundas, bem diferente dos tubarões azuis de que a baía está infestada, encontrou-se o braço direito do meu filho, quase até à articulação do cotovelo, assim como parte do colete, no bolso do qual se encontrava um velho relógio de ouro que a mãe lhe emprestara, uma vez que o seu de prata estava avariado, as chaves dele, o cachimbo e cerca de doze xelins em prata. Descobriu-se que o relógio tinha parado às nove horas, a hora exata em que o Sr. Spriggs nos disse, três semanas antes, que tinha ocorrido o acidente com o barco.

Quando o polícia me entregou em tribunal, a parte do braço do meu filho, o relógio e outros artigos que encontrara no tubarão por ordem do magistrado que presidia, implorou-me que lhe permitisse dar-me um xelim por um dos assim encontrados, pois desejava ficar com um deles em memória da ocasião. Eu disse-lhe que

dispusesse de um à vontade. O resto distribui entre os membros da minha família, exceto um, que guardei, e que prendi à minha corrente de relógio, onde permaneceu desde então. O cachimbo, dei-o a um jovem amigo do meu filho que estava com ele quando o comprou, em consequência do que foi capaz de reconhecê-lo. O velho relógio de ouro, parado nas nove horas, eu limpei-o superficialmente, e guardei-o como uma herança de família.

Ao ser convidado para um círculo de materialização por volta dessa altura — um círculo no qual eu tinha estado presente muitas vezes antes, e no qual eu tinha testemunhado inúmeros fenómenos maravilhosos — eu de bom grado participei. As senhoras e os senhores presentes na referida ocasião eram quase todos amigos íntimos da minha família, assim como o médium que, posso observar, não recebia qualquer remuneração pelos seus serviços. Assim que o médium se retirou para trás das cortinas, que estavam penduradas em um canto da sala para excluir a luz, procedimento que geralmente é necessário para manifestações desse tipo, ele entrou em transe profundo.

Alguns minutos depois, vi a forma materializada do mais novo dos meus dois filhos que se tinham afogado abrir a cortina e sair. Ao fazê-lo, várias senhoras e cavalheiros observaram: "Oh, é o Willie Browne." Esse era o nome do meu filho mais novo. Quando se pôs à nossa frente, ergueu o braço para mostrar que, embora o seu corpo físico tivesse sido privado dele, isso não lhe afetava a sua forma espiritual. Depois de permanecer diante de nós por alguns minutos, retirou-se atrás das cortinas.

Não foi capaz de falar connosco. O espírito que se materializou a seguir foi o do meu outro filho que se afogou, mas tão logo ele logo que veio de trás das cortinas como teve que se retirar de novo, e ao perguntar por que aquele que era mais desenvolvido fisicamente do que o irmão não conseguia permanecer visível por tanto tempo quanto o irmão mais novo, fui informado por um dos guias espirituais do médium que isso se devia a que ele não possuísse o poder de concentração do pensamento na medida em que o irmão possuía.

Como o caráter dos meus filhos a este respeito não era do conhecimento do médium, e como tal era o caso do mais velho dos dois não ter sido capaz de fixar firmemente a sua mente em nada durante um longo período de tempo, enquanto o mais novo não tinha tido dificuldade em fazê-lo, considerei que esta fora muito provavelmente a causa da diferença nas manifestações dos meus dois filhos nessa ocasião.

Os meus filhos, posso observar, tinham ambos mais de um metro e oitenta de altura, e apareceram assim quando se materializaram, enquanto o médium fica bastante tem a altura comum. Cerca de uma dúzia de outros materializaram-se nessa noite, desde crianças pequenas a pessoas adultas. Estou ciente de que só aqueles que testemunharam pessoalmente as materializações espirituais podem creditar o relato que fiz a contraparte do corpo físico dos meus filhos terem aparecido em formas materializadas.

Mesmo para aqueles que investigaram o Espiritualismo, o facto de os espíritos poderem materializar-se é quase demais de acreditarem até que realmente os tenham visto fazê-lo. Posso aqui afirmar que um relato muito mais completo do que

o que fiz aqui sobre a perda do iate Iolanthe apareceu na época em um dos jornais de Melbourne, e foi reproduzido em muitos dos jornais Ingleses da época.

Relatarei agora algumas das experiências por que passei na América, através da qual regressei com a minha família à Europa, a fim de aprofundar os fenómenos do Espiritualismo Moderno, ou Ciência Espiritual, como prefiro chamar-lhe. Na nossa chegada a São Francisco, onde éramos inteiramente desconhecidos, exceto para o Sr. e a Sra. Fred. Evans, que conhecemos quando visitaram a Austrália, e a fim de permanecermos incógnitos, decidimos não visitar esses amigos até que tivéssemos sessões com alguns dos principais médiuns do sítio. Observando pelos jornais que uma reunião espiritual seria realizada na noite de domingo em um lugar chamado Templo, na qual a célebre médium Sra. Whitley, de quem nunca tínhamos ouvido falar, iria fazer testes, a minha esposa e eu decidimos estar presentes.

Fomos acompanhados da nossa filha mais nova, e ficamos em segundo plano no corpo do salão.

O Templo é um grande edifício, capaz de acomodar cerca de 2.000 pessoas, e estava cheio cerca de dois terços da sua capacidade. Depois de ter dado alguns testes maravilhosos a vários dos presentes – ou seja, caso aqueles a quem a Sra. Whitney dera esses testes não estivessem em conluio com ela, o que não tínhamos razão para supor que fosse o caso — ela disse:

"Eu vejo o espírito de alguém que quando esteve na terra foi um clérigo. Ele diz que era conhecido pelo nome do Rev. Archibald Browne, e que neste salão se acha presente o seu filho, a esposa do filho e uma das suas filhas."

Eu disse em voz alta: "Correto." A Sra. Whitney então disse: "O seu pai diz que o seu nome é Hugh Junor Browne." Eu respondi que sim, e tinha certeza de que nenhum dos presentes, exceto a minha esposa, a minha filha e eu, tinha conhecimento desse nome.

Prosseguindo, a Sra. Whitney disse:

"O seu pai deseja que eu diga que a sua mãe está presente com ele, e eu vejo três belos filhos espirituais altos vossos; um passou vítima da febre tifoide e os outros dois morreram afogados."

Eu disse: "É verdade." A Sra. Whitney então disse:

"O seu pai diz-me que há alguém na Terra ligado a você chamado Colin Junor; que relação ele tem consigo?"

Eu respondi: "Ele é um meio-irmão." A Sra. Whitney ainda disse:

"O seu pai deseja que você lhe escreva, e lhe diga que numa terra estrangeira, e através do organismo de um estranho, ele veio dizer o quão triste ele estava por ver o quanto ele ainda se opunha à grande filosofia espiritual, mas que não demoraria muito para que ele conhecesse a sua grande realidade."

Posso aqui afirmar que o meu meio-irmão é um homem de setenta anos de idade, e é muito ortodoxo nas suas ideias, apesar de tudo o que lhe disse sobre o Espiritualismo Moderno. A minha filha mais nova, que estava presente na reunião, escreveu ao meu meio-irmão tudo o que foi dito através desta médium, mas, como eu esperava, isso teve pouco efeito na sua mente intolerante e preconceituosa.

Ele ainda é da opinião de que, na morte, ele vai "pular para os braços de Jesus." Não ficaríamos surpreendidos se um homem ignorante dissesse isso, mas para um homem altamente educado como ele é, usar tal expressão situa-se inteiramente além da minha compreensão. Dizem-nos nas Escrituras, no entanto, que mesmo os dignos meios-irmãos de Jesus não acreditavam nele, por isso não preciso me surpreender que o meu meio-irmão não acredite em mim quando lhe asseguro que o Espiritualismo é verdadeiro, e que apresenta uma fé mais razoável à nossa aceitação do que a da teologia popular.

Para o observador racional, parece verdadeiramente estranho como pessoas dotadas de razão engulam camelos (absurdos), enquanto eles coam os mosquitos. Acreditam que Moisés e Elias apareceram muitas centenas de anos depois de terem vivido na terra, e que um espírito se materializou e caminhou lado a lado com alguns homens no caminho para Emaús há cerca de dezoito séculos atrás; mas recusam-se a acreditar que os espíritos possam manifestar a sua presença nos nossos dias, assumindo assim que Deus alterou as Suas leis em relação à comunicação entre os mundos visível e invisível. No entanto, sem a demonstração das manifestações espirituais nos tempos modernos, não possuímos nenhuma evidência racional de uma vida futura para o homem. Mas acho que estou a divagar.

Tendo verificado o endereço privado da Sra. Whitney, a minha esposa e eu ligamos-lhe, e pedimos que ela nos concedesse uma sessão, o que ela consentiu em fazer. Assim que ela entrou no estado de transe, um espírito veio e deu o nome de Mayflower. Eu observei:

"Acho que já conheci uma pequena índia com esse nome antes."

Ao que ela respondeu: "Não, foi Sunflower que você conheceu."

Reconheci o meu erro, dizendo que tinha confundido os dois nomes. Mayflower então disse:

"Você conhece Emmy e Otto," os nomes de dois dos nossos queridos amigos em Melbourne.

Eu disse: "Mas como é que você os conhece?"

Ela respondeu: "O seu filho Willie levou-me até eles."

Eu então disse: "Mas como é que você sabe que temos um filho chamado Willie?"

A isso ela observou: "Ele está presente e está ao seu lado."

Ela então disse:

"Você tem um filho, que viaja com a esposa e dois filhos pequenos."

Eu admiti que isso era verdade, e ela então comentou:

"Eles têm uma servente com eles chamada Julia."

Eu disse que esse era o caso, e que ela parecia saber mais sobre eles do que eu, pois eu tinha esquecido o nome da jovem que eles haviam contratado para os acompanhar apenas uma ou duas semanas antes de partirem. Perguntei então a

Mayflower se ela me poderia dizer quando o meu filho e a família chegariam ao destino, ao que ela respondeu: "Amanhã."

Isso seria no último dia, só que de novembro de 1889, de modo que, se fosse verdade, eles chegariam no último dia desse mês. Posso aqui afirmar que o meu filho e a família andaram por Natal, na África do Sul, para ver o país em que ele nasceu, e que ele deixou em criança, e foram encontrar-nos em Londres, enquanto chegamos a esse país vindos da América. Quando o meu filho se juntou à nossa comitiva em Londres, conforme combinado, perguntei quando ele havia chegado a Natal, e ele respondeu: "No último dia de novembro."

O meu filho e a família não tinham deixado a Austrália quando a minha família e eu partimos, e tivemos que marcar passagem em um veleiro, pois não se esperava que houvesse nenhum navio a vapor que fosse para a África do Sul durante vários meses, de modo que, se a data indicada através do médium fosse um palpite, como os oponentes ao Espiritualismo podem sugerir, é o palpite mais extraordinário alguma vez registado. Através da Sra. Whitney recebemos várias comunicações dos nossos filhos na vida espiritual, mas, como eles eram apenas interessantes para nós próprios, e nenhum benéfico traria para os outros relatar o que eles disseram.

Tendo ouvido que havia uma boa médium materializadora de Chicago, em São Francisco, naquela época, chamada Mrs. Moore, contactei-a e combinei uma sessão privada com a minha família. Ao comparecermos nos seus aposentos à hora designada, convidou-nos, como lhe éramos estranhos, a examinar o gabinete que ela usava para dar sessões de materialização; assim como o local se situava, para nos assegurarmos de que não poderia haver truques.

A Sra. Moore também se ofereceu para se despir e se vestir diante das damas da companhia, para mostrar que não tinha máscaras nem xales com os quais pudesse inventar espíritos falsos para nos enganar. Isso foi o que fez, e nós examinamos minuciosamente o gabinete e a parte da sala onde ele ficava situado, convencendo-nos assim de que não havia alçapões, fios nem outros dispositivos ligados a ele.

O gabinete consistia em uma tela de quatro folhas, que formava um quadrado de cerca de três metros, com um pano escuro colocado sobre ele para excluir a luz. Na face voltada para onde estavam as cadeiras em que nos iriamos sentar havia uma abertura para o topo de cerca de dois metros por dezoito centímetros de largura, com uma pequena cortina a cobri-la. Ao nos sentarmos, a Sra. Moore fechou a porta da sala, que ficava à minha esquerda e longe do gabinete, e então entrou no gabinete. Passado pouco tempo, a pequena cortina em frente à abertura foi puxada para trás, e vi o meu pai, que, após ficar alguns minutos sem poder falar, se retirou.

Quase assim que as cortinas se fecharam foram atiradas para trás de novo e a minha mãe apareceu; ala também não conseguiu falar connosco. Depois que ela se retirou a nossa filha Ada veio e falou connosco. Nós reconhecemo-la pela forte semelhança familiar que ela tinha com as irmãs. Ela faleceu ainda criança, mas depois cresceu até atingir a idade adulta, como apuráramos anteriormente.

Frequentemente, durante as suas comunicações connosco, através das suas irmãs e outros médiuns, ela tinha falado do luxo do seu cabelo e da sua cor dourada, por isso perguntei-lhe se podia mostrar-nos o seu cabelo. Ela imediatamente colocou a

mão atrás da cabeça e puxou os longos cabelos dourados para a frente. Era certamente uma cabeleira de cabelo muito belo, e eu comentei:

"Bem, Ada, bem que podes sentir muito orgulho desse cabelo; é ainda mais bonita do que a cabeleira representada nos cartazes que anunciam o Restaurador de Cabelo de Madame Allen."

Posso afirmar que o médium tinha apenas uma cabeça escassa de cabelo, e que era de uma cor vermelha escura.

Depois de conversar connosco durante um curto período de tempo, Ada retirou-se e ao se abrir de novo a cortina, vimos o nosso filho mais velho, Archie, que havia passado vítima da febre tifoide quase dez anos antes. Depois de falar um pouco connosco, retirou-se; e quando a cortina se abriu novamente o nosso terceiro filho, Hugh, o mais velho dos dois que se tinham afogado, apareceu e dirigiu-nos umas palavras. Depois que ele se retirou, a cortina abriu-se e vimos nosso o filho Willie, o outro filho que se afogou.

Ele também conversou durante um curto período de tempo connosco; e ao retirar-se e a cortina voltar a abrir-se, a nossa amiga, a Sra. G---, que mencionei como tendo ido com a minha mulher e eu próprio na minha segunda visita aos aposentos de Foster, apareceu na abertura e conversou connosco. Ela disse que estava encantada por a reconhecermos; que, embora não tivéssemos conhecimento da sua presença durante as nossas viagens, ela tinha estado connosco e, para provar que ainda se interessava por nós e pelos nossos pertences, mencionou o número exato de pacotes que constituíam a bagagem da família — ou seja, vinte e duas no total.

Posso afirmar que a Sra. G.---, viva connosco como auxiliar da minha esposa havia mais de doze anos, e passou para a vida superior há vários anos. Ela era muito apegada à minha esposa e aos nossos filhos, e comunicou connosco em muitas ocasiões desde que deixou o plano da existência terrena.

Omiti que, além da família, a governanta, Miss Rea, que nos acompanhou da Austrália, e que ainda está connosco, também esteve presente nessa sessão, perfazendo um total de oito pessoas. Um irmão, uma irmã e uma tia dela, assim como clérigos em cujo ministério ela tomou parte em criança, apareceram e foram reconhecidos por ela. Cada um deles falou com ela, exceto o clérigo, que continuou apontando para a garganta, como se tivesse algo que o impedisse de o fazer.

Posso afirmar que, na referida altura, a senhorita Rea não sabia que o clérigo a que aludia estava "morto," e só depois da nossa chegada a Nova Iorque é que soube que ele tinha morrido de cancro na garganta. Como se poderá inferir a partir disso, por aqueles que não conhecem o assunto, que as enfermidades aqui continuam no mundo espiritual, devo mencionar que não é assim; mas nas primeiras duas ou três vezes de revisita ao plano terreno, os espíritos geralmente experimentam as mesmas sensações que os seus corpos físicos sofreram antes de passar.

Permitam-me aqui perguntar aos opositores ao Espiritualismo em que outra hipótese além da Espiritual eles podem explicar as experiências que acabam de relatar? Éramos todos completamente estranhos à Sra. Moore, que não poderia saber (nem mesmo ter obtido conhecimento na Califórnia) que parentes e amigos tínhamos na vida espiritual. A afirmação infantil de que tudo é obra de um ser

mítico chamado Satanás é absurda demais para exigir refutação. Seria igualmente razoável afirmar que todos os telegramas são obra do Diabo.

Antes do encerramento da sessão da Mrs. Moore's materializou-se um jovem de boa aparência, que nenhum de nós reconheceu. Ele, no entanto, informou-nos que era o chefe de um bando de espíritos que controlava a médium, deu o nome, que me falha na memória. Ele disse que ele e os outros guias da médium tinham dado o seu melhor para ajudar os nossos amigos que se manifestaram para nós, e que esperava que estivéssemos convencidos.

Isso ele disse numa voz máscula profunda, bem diferente da dos outros que nos falaram, e num tom de voz inteiramente distinto do do médium. Respondemos que estávamos mais do que convencidos, e que queríamos agradecer-lhe e aos outros guias da médium pela ajuda que prestaram aos nossos amigos espirituais. Ele então deu-nos um adieu.

NA AMÉRICA

DURANTE a nossa estadia em São Francisco, tivemos sessões com diversos outros médiuns, mas embora vários deles tenham feito descrições corretas dos nossos amigos espirituais, foram incapazes de nos dar os nomes ou mensagens características deles, com exceção do Sr. Fred Evans, o célebre médium de escrita de ardósia, através do qual recebemos uma série de mensagens de vários amigos com os seus nomes assinados no final. Quando contactamos o Sr. e a Sra. Evans, eles receberam-nos muito gentilmente, e foram muito hospitaleiros e atenciosos connosco durante a nossa estadia em São Francisco. Tivemos algumas experiências maravilhosas na escrita de ardósia com o Dr. Slade, quando ele esteve na Austrália, mas a escrita de ardósia de Evans foi ainda mais maravilhosa.

Em mais de uma ocasião, as ardósias em que a escrita aparecia não estavam a menos de dois metros dos presentes ou da mesa redonda em que nos sentávamos. Depois de ter limpo as ardósias e de no-las ter entregue para as examinarmos, e pudermos certificar-nos de que não continham escrita, colocou um pequeno pedaço de lápis de ardósia, não tão grande quanto um grão de arroz, entre as duas ardósias que examinávamos, e colocou-as de seguida no chão, a vários passos de onde ele e nós nos encontrávamos sentados, durante alguns minutos, e ao voltar a pegar nelas, foram encontradas mensagens de vários amigos espirituais nossos escritas no interior das ardósias. Estas sessões decorreram em plena luz do dia, numa sala onde havia apenas uma mesa comum e algumas cadeiras.

Numa ocasião, em que as ardósias foram retiradas do chão onde tinham sido colocadas da forma que descrevi, com apenas um pequeno pedaço de lápis de ardósia entre elas, várias mensagens, em caligrafia bastante diferente e em três cores distintas — a saber, branco, azul e vermelho — foram encontradas nas suas superfícies interiores. Levei comigo as diversas ardósias em que recebi mensagens através da mediunidade de Evans, para poder mostrá-las a qualquer um que pudesse desacreditar na descrição que fiz delas. Acredito que Fred Evans é o mais espantoso médium de escrita de ardósia do mundo, e tenho toda a confiança na sua sinceridade e honestidade. A esposa é igualmente uma pessoa muito agradável e direta, e é uma excelente médium de transe.

Logo após a nossa chegada a Nova Iorque, observei um anúncio a dar conta de uma reunião que seria realizada num determinado salão daquela cidade, na qual um médium faria testes, a ser presidida pelo Professor Kiddle, que pessoalmente eu nunca conhecera, mas que conhecia através dos seus escritos sobre o Espiritualismo Moderno. Posso mencionar que o Professor Kiddle foi anteriormente Inspetor-Chefe de todas as escolas governamentais do Estado de Nova Iorque.

A minha esposa, a minha filha mais nova e eu participamos nessa reunião. Havia cerca de quinhentas pessoas presentes, todas inteiramente estranhas para nós, e, como de costume, ficamos em segundo plano.

O médium, um jovem de cerca de trinta anos, chamado Fletcher, começou por afirmar que aquela era a sua primeira aparição naquele salão, e que só conhecia dois ou três de entre todos os que se encontravam presentes. Depois de ter dado alguns testes maravilhosos a várias pessoas, cuja precisão cada um admitiu, ao mesmo tempo que declarava ser inteiramente estranho ao médium, ele disse:

"O espírito do falecido Charles Henry Foster, o célebre médium, está aqui presente. Ele diz-me que vai ajudar um amigo a assumir o meu controlo."

O médium entrou praticamente de imediato em estado de transe, e então, sob controlo, caminhou até o final do salão onde nos encontrávamos sentados. Colocando a mão no meu ombro, dirigiu-se-me assim:

"Eu sou o teu pai, Archibald Browne; Venho mostrar-te que estou presente contigo onde quer que vás."

Depois que o médium se retirou para a plataforma, expliquei ao público que éramos inteiramente estranhos em Nova Iorque, onde não tínhamos um único conhecido, que o nome do meu pai era conforme o declarado através do médium, que eu nunca tinha visto antes, e que por muitas provas anteriores dadas da presença frequente do meu pai comigo, eu tinha todas as razões para acreditar no que ele afirmava; ainda assim, foi muito agradável para mim ter a minha convicção confirmada da forma marcante como tinha sido feito naquela noite.

Terminada a reunião, obtive o endereço privado do médium e, no dia seguinte ou dois dias depois, a minha esposa e eu tivemos uma sessão privada com ele. Dos maravilhosos testes que ele fizera publicamente, esperávamos ter recebido através dele mensagens características de vários dos nossos amigos na vida espiritual; mas, apesar de termos tido algumas poucas comunicações, devo dizer que, de um modo geral, ficámos muito desapontados. Depois, contactamos o Professor Kiddle, na sua residência particular, e tivemos uma longa conversa com ele sobre o assunto pelo qual todos estávamos tão mutuamente interessados — ou seja, o Espiritualismo Moderno.

Tomando conhecimento de que uma tal Sra. Gray, que residia a poucas portas de onde estávamos hospedados na West Thirty-fourth Street, realizava círculos para materialização a minha esposa e eu contactámo-la e fomos informados de que os círculos eram realizados em sua casa (acho que era o nº 330) duas vezes por semana, às oito horas pontualmente, sendo o médium um filho seu. Ao participar da primeira sessão a ser realizada após o nosso inquérito, a cerca de dez minutos para as oito, foi-nos mostrados na sala de visitas da frente, um apartamento bem mobiliado, e pedido que tomássemos os nossos assentos lá por um curto período

de tempo. Havia um ou dois buscadores nessa sala ao entramos, e três ou quatro chegaram depois de nós.

Às oito horas fomos todos convidados a entrar na sala de estar de trás, separado do da frente por cortinas, sendo a porta da primeira então trancada e a luz do bico de gás reduzida. Na sala de estar de trás havia um gabinete, de construção simples, que fomos convidados a examinar, e, ao nos sentarmos nas cadeiras, formamos um semicírculo em frente ao gabinete, o filho da Sra. Gray, um jovem de cerca de vinte e cinco ou seis entrou no gabinete, no qual havia uma cadeira, e então baixou as cortinas, que formaram uma frente conjunta. A porta da sala foi trancada, o gás foi reduzido de modo a deixar uma luz suave, e a Sra. Gray tomou posição ao lado do gabinete.

Depois de um hino ter sido entoado, ouvimos uma banda de música, aparentemente à distância, no início, e gradualmente a aproximar-se, até que todos pareciam estar a tocar os seus instrumentos dentro do gabinete onde o médio estava. Passado um curto período de tempo, eles pareceram afastar-se tão gradualmente quanto se tinham aproximado, até que o som da música morreu ao longe. Então veio de trás das cortinas um senhor magro, de aparência excêntrica, aparentemente vestido com roupas negras, todo curvado mas muito ativo. A Sra. Gray dirigiu-se a ele como "Doutor" e disse-nos o nome dele, mas escapa-me à memória.

Ele disse que ia magnetizar um papel, para dar a qualquer um dos presentes que estivessem a sofrer de qualquer reclamação, e, quando a Sra. Gray disse que havia algum papel numa pequena mesa ao lado do gabinete, ele caminhou apressadamente até ela, e começou a magnetizar o papel. Ao fazê-lo, observei uma luz azulada e de aparência elétrica sair das pontas dos dedos dele. Ele então tirou a folha de cima com a mão, e deu-a a um dos presentes.

Ao regressar à pequena mesa, começou a magnetizar a folha seguinte de forma semelhante à primeira, e depois entregou-a a outro presente. Depois, passou entre o assento direito do círculo e a parede, e foi rapidamente para a sala de visitas da frente, que estava mergulhada na escuridão. Enquanto esperávamos o regresso do velho médico, para nosso espanto, em seu lugar veio uma jovem robusta, vestida de branco que não falou, mas passou para o gabinete. Em poucos minutos, ela reapareceu e aproximou-se de um dos presentes, com quem manteve uma conversa em voz moderada.

A senhora levantou-se então e caminhou com ela para a sala de visitas da frente, onde se desmaterializou, e a senhora, ao regressar ao seu lugar, explicou aos outros presentes que era a sua filha, e que, enquanto falava com ela na outra sala, se tinha desmaterializado e desaparecido. A Sra. Gray disse-nos que o médico tinha sido um dos controladores do médium durante anos, e tinha o poder de se desmaterializar a qualquer distância do gabinete, e transferir a matéria com a qual ele havia revestido a sua forma espiritual para outro espírito. Foi certamente uma manifestação muito notável.

Depois de vários espíritos terem aparecido e conversado com os outros presentes, que as reconheceram e falaram com elas como velhas e queridas amigos, a figura de uma jovem aproximou-se da minha esposa, dizendo: "Marta!" A minha esposa reconheceu-a imediatamente, e abraçou-a, voltando-se então para mim e disse: "É

a Martha W.," quando esta se aproximou de mim e me apertou a mão com todo o calor e carinho que ela teria feito se ela ainda estivesse nesta vida e não me visse há muitos anos. Disse-lhe:

"Marta, querida, estou encantado por te ver de novo e poder apertar-te a mão mais uma vez; eu nunca pensei em te ver materializar, embora já tenhas comunicado connosco muitas vezes antes."

Depois de me deixar, pegou na minha mulher pela mão, que se sentava na cadeira ao lado, e levou-a para um sofá que ficava na mesma sala, onde disse à minha mulher que os seus irmãos estavam presentes, mas que não conseguiriam materializar-se naquela noite. Ela desejava que a minha esposa dissesse ao pai e à mãe, irmão e irmãs dela, que ela lhes enviava o seu amor a todos, e que lhes dissesse que, embora eles não percebessem a sua presença, ela estava muitas vezes com eles.

Ela levou a minha esposa até o gabinete e, ao conduzi-la para dentro, levantou a mão da minha esposa e apoiou-a no ombro do médium, que respirava profundamente no momento, enquanto segurava a outra mão da minha esposa na dela. Depois de abraçar a minha esposa, ela desmaterializou-se, e não a vimos mais. Ela parecia tão encantada em se tornar visível e conversar connosco quanto nós estávamos por a ver e conversar com ela.

Posso aqui afirmar que Martha, que assim apareceu, é filha de velhos amigos nossos da Austrália, e passou para a vida superior há muitos anos. Quando estava na terra, ela fora muito apegada à minha esposa e, desde então, tem assegurado frequentemente à minha esposa, através de vários médiuns, a continuação do afeto e consideração que ela tinha por ela na vida terrena. Ela era uma menina bonita aquando na carne, e é ainda mais bonita agora que cresceu até alcançar a maturidade na vida espiritual.

O único desejo que tivemos, no momento em que ela nos apareceu materializada na forma, foi que a mãe dela pudesse estar presente para ver a filha angélica nas suas vestes de brilho deslumbrante. Quando o médium saiu do transe, o círculo desfez-se e os presentes, que eram na sua maioria estranhos uns aos outros, se dispersaram-se.

Em outra ocasião, em que a minha esposa e eu estávamos presentes em uma sessão na casa da Sra. Gray, depois que os amigos espirituais de vários dos presentes se materializaram, foram reconhecidos e conversaram com os amigos, um espírito, aparentemente vestido com vestes de operário, apareceu na frente do gabinete. Como ele parecia incapaz de falar, e não foi reconhecido por nenhum dos presentes, foi sugerido que cada um de nós perguntássemos se éramos a pessoa por quem ele pretendia ser reconhecido.

A vários que fizeram essa indagação ele abanou a cabeça, até chegar a minha vez, em que ele acenou com a cabeça, que eu entendi que significava um "Sim," e, com a minha esposa, fui até perto de onde ele estava, quando tudo o que ele parecia ser capaz de dizer era "Charlie," em pouco mais do que um sussurro. Enquanto eu tentava descobrir quem ele era, a minha esposa disse:

"Não é o homem que foi morto nas tuas obras?"

Assim que ela disse isso, ele novamente acenou com a cabeça em reconhecimento de que ele era aquele indivíduo, e sussurrou: "Obrigado, obrigado," de semblante ao mesmo tempo mudando de tristeza para uma expressão feliz.

Tão logo ele sorriu eu reconheci-o, e disse: "Bem, Charlie, eu cumpri a minha promessa que lhe fiz," e ele novamente acenou com a cabeça. Enquanto estávamos ao seu lado, a minha esposa e eu observamos que ele usava, ou parecia usar, a contrapartida exata da *guernsey* azul que ele costumava usar nas minhas obras.* Inicialmente pareceu abatido quando não fora reconhecido, mas mostrou-se muito satisfeito quando o fizemos. Ele então retirou-se para dentro do gabinete, e não o vimos mais.

(N.T.: Suéter de lã sem mangas e usado justo ao corpo, no futebol Australiano.)

Devo explicar que este homem era maquinista num dos meus locais de trabalho na Austrália. Ele estava há pouco tempo no emprego quando foi, por seu próprio descuido, fatalmente esmagado entre o volante de inércia e a roda motriz do motor.* Ele foi imediatamente encaminhado para o Hospital de Melbourne, onde fui vê-lo assim que soube do acidente e que ele tinha sido levado para lá. Considerei-o bastante lúcido, mas em estado moribundo. Ele tentou falar comigo, mas tudo o que ele foi capaz de dizer foi o meu nome.

**(N.T.: Provavelmente num dos motores de máquina a vapor, que tinham umas rodas muitos grandes para ajudar a vencer a inércia.)*

Eu disse-lhe: "Eu sei o que você quer dizer, Charlie; Vou olhar pela tua mulher." Ele faleceu pouco tempo depois, e nós levantamos uma assinatura para a esposa que lhe proporcionou o início numa pequena loja, a que eu acredito que ela ainda dá continuidade. Esse homem era a última pessoa que eu esperava ver materializar-se. Evidentemente, o seu desejo era de me transmitir o seu agradecimento, e, através de mim, a todos os que tinham subscrito em benefício da viúva.

A minha esposa e eu tivemos sessões com vários outros médiuns de materialização em Nova Iorque, mas contar tudo o que ocorreu em cada sessão em que participávamos encheria um grande volume. Posso, no entanto, afirmar que o que testemunhamos na 256 West Forty-third-street foram as manifestações mais maravilhosas de todas, sendo a Sra. Effie Moss a médium.

Na primeira sessão a que assistimos na casa da Sra. Moss, ao entrarmos no gabinete — que já havíamos examinado anteriormente — a porta da sala que estava trancada, e a luz baixou um pouco, nós (os participantes) entoamos alguns versos de um hino, acompanhados por uma jovem senhora ao harmónio que estava na sala. Assim que terminamos o canto, a cortina, que formava a frente do gabinete, abriu-se, e uma mulher esbelta coberta de branco saiu e aproximou-se de um dos presentes masculinos sentada ao lado de um rapaz de cerca de dez anos de idade.

Depois de abraçar o rapaz, ela pegou na mão do presente e levou-o até um sofá, onde ambos se sentaram de mãos dadas e conversaram durante vários minutos num tom de voz moderado. Ela então abraçou-o e o rapaz, a quem o presente havia chamado para o seu lado, retirou-se para o gabinete. Quando os dois presentes retomaram as cadeiras, o mais velho informou aos presentes que o espírito que se materializara que tínhamos visto e ouvido falar com ele era a sua esposa, e que ele havia trazido o rapaz, seu filho, naquela noite, a pedido dela.

Ele também nos informou que, desde que a sua esposa havia falecido da vida terrena, ele não deixara de frequentar o círculo da Sra. Moss nem uma vez por semana, a fim de manter comunhão com a esposa da maneira que testemunhamos, e que ela e ele conversavam sobre assuntos familiares da mesma forma que conversavam quando ela estava nesta vida. Ele informou-nos que era o capitão de um dos barcos fluviais, e ele parecia um homem muito respeitável e sério.

Depois que vários amigos espirituais das outros presentes apareceram e conversaram com eles, a minha esposa e eu observamos o que parecia ser um vapor esbranquiçado a formar-se acima do tapete, a cerca de trinta centímetros à nossa frente; ele foi aumentando gradualmente de tamanho, até que o vimos tomar a forma de uma forma humana, e eis que ali estava diante de nós o nosso filho mais velho, Archie, que, como já afirmei, passou para a vida superior cerca de dez anos antes vitimado pela febre tifoide.

Ao dizer-lhe que ele parecia bem mais firme do que quando o vimos nas sessões da Srs. Moore, em São Francisco, ele disse que isso se explicava pela diferença das duas médiuns por intermédio das quais ele se materializou, sendo a Sra. Moore uma mulher de figura esguia, enquanto a Sra. Moss era muito mais robusta. Depois de conversar connosco durante alguns minutos, ele disse: "Eu preciso ir"; apertou-nos a mão a nós os dois e, em seguida, desmaterializou-se gradualmente diante de nós onde ele estava.

Os pés desmaterializaram-se primeiro, depois os membros, depois o corpo, até que tudo o que restava acima do chão era a cabeça, que, ao se desmaterializar, retomava a aparência de vapor esbranquiçado acima do tapete que descrevi, e que parecia ser absorvido pelo tapete, até que nada restou visível onde o nosso filho tinha estado tão sólido e tangível quanto qualquer um de nós.

Depois de dois ou três amigos dos outros presentes se terem materializado e desmaterializado da mesma forma que o nosso filho, a médium saiu do transe profundo e, pouco depois, saiu do gabinete, no qual estava sentada desde o início da sessão. Os presentes, que pareciam na sua maioria estranhos uns aos outros, mantiveram então uma breve conversa sobre as manifestações testemunhadas durante a noite, com as quais todos pareciam muito satisfeitos, e depois separaram-se.

MANIFESTAÇÕES DE GRANDIOSIDADE

Pelo que relatamos ter testemunhado na sessão da Sra. Moss, as nossas três filhas, o segundo filho mais novo, Arthur, e a senhorita Rea, a governanta, expressaram o desejo de participar de uma das suas sessões. Fizeram-no na tarde de sexta-feira seguinte, quando, para seu espanto, mal os presentes começaram a cantar, e antes de a médium ter entrado no gabinete, apareceram vários espíritos ao seu lado. Quase imediatamente depois que a Sra. Moss tomou o seu lugar no gabinete, uma menina indígena Americana veio do gabinete para onde o meu filho, um menino de oito anos de idade, se sentara, e disse que alguém queria o *pappoose* (criança no dialeto índio).

Pegando no meu filho pela mão, ela levou-o até o gabinete, onde ele viu a irmã, Ada, a quem ele reconheceu por tê-la visto na sessão da Srs. Moore's, em São Francisco. Ela abraçou-o e, com a mão dele na dela, atravessou a sala até onde as irmãs se encontravam sentadas; dirigindo-se a elas como "minhas irmãs," ela abraçou-as. Voltando-se para a Miss Rea, ela abraçou-a também, e dirigindo-se a esta última pelo seu nome, "Lizzie," disse-lhe:

"A sua irmã Emily está aqui." Depois de Ada ter dado algumas mensagens que desejava transmitir à mãe e a mim, pediu às irmãs, ao irmão e à senhorita Rea que a acompanhassem até ao gabinete.

Ao fazê-lo, elas foram recebidas pelo nosso filho, Archie, que conversou com elas durante algum tempo, e enquanto ele e Ada seguravam cada um a mão do irmão mais novo Arthur, ambos começaram a desmaterializar-se da mesma forma que Archie fez na noite em que a sua mãe e eu estivéramos presentes. Elas continuaram a segurar as mãos do irmão até que ele teve que se baixar, e só quando as mãos de Arthur estavam perto do chão é que as delas se desmaterializaram.

Antes do encerramento da sessão, a senhorita Rea, que, com as nossas filhas e o nosso filho, tinham retomado os seus lugares no círculo, foi chamada ao gabinete por um espírito feminino. Tendo ouvido da nossa filha Ada que a irmã Emily estava presente, ela naturalmente esperava vê-la materializar-se, mas, ao se aproximar do espírito que havia acenado, ela reconheceu uma prima dela, uma Sra. P.— - que havia passado para a vida superior vários anos antes. Esta última informou a Sr.ª Rea que o seu irmão Tom estava doente, o que se revelou demasiado verídico, uma vez que faleceu antes de ela chegar à a casa no dele norte da Irlanda.

Em uma conversa que a minha esposa e eu tivemos com um cavalheiro de Chicago que conhecemos em uma sessão, ele falou-nos muito bem da mediunidade de uma Sra. Hesse, residente na 261 West One Hundred and Thirteenth-street, e disse que se a contactássemos e mencionássemos o seu nome, ele tinha a certeza de que ela nos concederia uma sessão. Por conseguinte, apelámos à Sra. Hesse, que achamos uma pessoa muito senhoril e evidentemente altamente inteligente, e que imediatamente consentiu em nos conceder uma sessão.

Antes, porém, de relatar o ocorrido, devo explicar que o nosso filho Archie, que tinha um caráter jocoso, em geral costumava, quando comunicava connosco através de um médium na Austrália, apresentar-se de uma maneira muito peculiar, ou seja, dava um apito curto, seguido de um estalido curto com o polegar e o dedo médio, e depois concluía pegando na mão do médium para nos dar um cumprimento de mão, ao mesmo tempo que dizia: "Bem, mãe, bem pai, como estão?"

Quando a Sra. Hesse entrou em estado de transe, um dos seus guias manteve uma conversa connosco durante algum tempo, e concluiu dizendo que havia um espírito que estava muito ansioso para falar connosco através da médium. Quando ela cedeu o controlo a esse espírito, qual não foi a nossa surpresa ao ouvir o velho apito, o ruído do estalido e a mão da médium estendida para nus dar um cumprimento de mão, enquanto ao mesmo tempo se saiu com o: "Bem mãe, bem pai, como estão?" no velho sotaque familiar. A minha esposa e eu exclamamos ao

mesmo tempo: "Bem, Archie, não precisamos perguntar quem és; esse é um grande teste."

Depois de conversar com ele durante algum tempo, ele disse-nos que não poderia manter o controlo da médium por mais tempo, e disse adieu. Quando a Sra. Hesse saiu do transe, dissemos-lhe que o nosso filho mais velho se tinha manifestado através dela exatamente da mesma forma que costumava fazer através de um amigo médium na Austrália, e que ficámos encantados com a sessão, com o que ela pareceu satisfeita. Depois de agradecer à Sra. Hesse pela sua cortesia, despedimo-nos dela.

Enquanto estava na casa da Sra. Moss, numa certa ocasião — porque a minha esposa e eu assistimos a duas ou três das sessões dela — ela mencionou que iria dar uma sessão na casa da Sra. Wallace, em nome de uma instituição de caridade, no prazo de um ou dois dias, e que tinha a certeza de que a Sra. Wallace, que era uma Espiritualista muito sincera, ficaria encantada em nos ver. Por isso, contactamos a Sra. Wallace, que achamos uma senhora muito agradável e refinada, e ela gentilmente convidou-nos a assistir ao referido círculo da Sra. Moss.

Ao irmos para a casa da Sra. Wallace à hora marcada, encontramos vários amigos da Sra. Wallace que tinham chegado lá antes de nós. Depois de termos sido apresentados a eles, o círculo foi formado. A Sra. Moss sentou-se num gabinete improvisado para a ocasião e um hino foi entoado. Depois de vários espíritos se terem materializado e sido reconhecidos, e de terem conversado com algumas dos outros presentes, a nossa filha Ada apareceu em frente às cortinas que formavam o gabinete, e a minha esposa levantou-se imediatamente e abraçou-a.

Pensando que ela poderia gostar de falar com a mãe em particular, mantive-me no meu lugar, mas a Ada acenou-me para me aproximar também. Na ida até ela abraçou-me com muito carinho, com os seus lindos cabelos dourados a cair sobre o meu ombro enquanto o fazia. Disse-lhe como me sentia grato a Deus pelo privilégio que me foi concedido de poder abraçar, ainda nesta vida, um dos meus filhos que tinha passado da terra tantos anos antes.

A querida menina parecia, como eu e a mãe, tomada de alegria. Ela contou-nos como ela estava extremamente feliz na vida espiritual, e com que alegria ela esperava ansiosamente pelo momento em que todos nós nos reuníssemos naquele mundo onde a palavra "adeus" é desconhecida. Quando a sessão terminou, despedimo-nos da Sra. Wallace e dos seus amigos, e agradecemos à primeira por nos ter gentilmente convidado, perfeitos estranhos que éramos, para o seu círculo.

OBSERVAÇÕES FINAIS

As experiências anteriores não formam nem uma centésima parte das evidências que recebi, durante a investigação dos últimos dezassete anos sobre o Espiritualismo Moderno, de uma vida futura e da continuidade da individualidade após a mudança chamada "morte." São, no entanto, conforme considero, suficientes para convencer todos os buscadores da verdade sem preconceitos, de que possuo boas razões para a esperança, ou melhor, o conhecimento, que tenho. Conforme ordenado nas Escrituras, procurei e encontrei, bati e a porta foi-me aberta; eu provei todas as coisas e apeguei-me ao que é bom e verdadeiro, e a verdade tornou-me livre. Ide vós e fazei o mesmo.

"Experimentai os espíritos," não acreditem em todos os espíritos; cuidado com os espíritos enganadores; também "quanto aos dons espirituais, irmãos, não quero que fiqueis na ignorância." A manifestação do espírito é dada a todo homem (que investiga seriamente o assunto) para lucrar do mesmo modo," pois a um é dada a palavra de sabedoria, a outro a palavra de conhecimento, a outro a fé" (baseada em factos demonstráveis), "a outro o dom da cura, a outro a operação de (o que parecem ser) milagres, a outro a profecia, a outro o dom de discernir espíritos, a outro o dom das diversas línguas, a outro o dom de interpretar (várias) línguas," &c.

Em vez de o Espiritualismo ser uma superstição, como se supunha, é a Némesis de toda superstição, pois é a chave com que a porta que deixa entrar a luz da verdade sobre todos os mistérios obscuros do passado pode ser destrancada. É uma perfeita indução, porquanto se harmoniza com todos os factos capazes de provar o que é conhecido para o mundo; portanto, todos os factos assumidos que não se harmonizam com o Espiritualismo são teorias falsas e ilusórias, que serão rejeitadas e descartadas à medida que o mundo avança em termos de conhecimento e sabedoria.

As três principais razões pelas quais os crentes no Espiritualismo estabelecido na Bíblia, são tão avessos ao Espiritualismo Moderno são as seguintes: Primeiro, o apego vitalício que têm a falsidades consagradas pelo tempo, que, vistas à luz da verdade e da razão, são insustentáveis; em segundo lugar, por os factos trazidos à luz pelo Espiritualismo Moderno refutarem muitas das teorias mais apreciadas da teologia popular; e, em terceiro lugar, das ideias erróneas que formaram do Espiritualismo Moderno, devido às grosseiras deturpações que aparecem de tempos em tempos na imprensa pública, e às falsidades, truques e enganos que foram misturados com ele por pessoas sem princípios e calculistas para fins egoístas.

Quem, permitam-me que pergunte, são os tolos — aqueles que, sem terem investigado o Espiritualismo Moderno, por preconceito e intolerância o denunciam como um embuste, ou aqueles que, apesar da impopularidade que gozam, tiveram, após anos de investigação paciente, a sinceridade de declarar publicamente que a comunhão com aqueles que passaram pela mudança chamada "morte" não só é possível como é um facto consumado? Enquanto os primeiros, por regra, acreditam numa religião de credos irracionais e cerimónias eclesiásticas que são uma vergonha para a inteligência da época em que vivemos, os segundos defendem uma religião assente numa base científica e que é capaz de suportar uma análise racional.

Devido à sua impopularidade, a defesa pública do Espiritualismo Moderno tem estado, até agora, com algumas nobres exceções, confinada às classes trabalhadoras, muitas das quais prejudicaram a sua grande filosofia com modismos especiais próprios, como o vegetarianismo, o abstencionismo, a frenologia, a reencarnação, a reabsorção, &c., &c., da mesma forma que a simples religião do amor a Deus e do amor para com o homem, logo após a sua criação, foi prejudicada com as doutrinas paulinas de salvação pela fé, expiação do pecado através do sacrifício vicário, eleição, predestinação e todas as formas e cerimónias eclesiásticas.

Há, no entanto, um número muito maior de classes altas que são espiritualistas do que geralmente se supõe. Apenas os seus amigos mais íntimos são convidados para os seus círculos, deixando os vizinhos na ignorância do facto de que eles são espiritualistas. Raramente frequentam as reuniões públicas espiritualistas, em parte por receio que se saiba que até têm simpatia pelo movimento, e em parte por causa do frequente analfabetismo dos expoentes públicos do Espiritualismo. Quando eles participam de qualquer uma dessas reuniões, eles fazem-no de forma furtiva — como Nicodemos teria visitado Jesus à noite — para não serem observados. Quão relativamente poucos apreciam a verdade em todo o seu valor, enquanto todos professam ser animados pelo amor da verdade. Enganam-se, assim, a si próprios, e não têm a verdade em si.

Vários dos meus amigos, que se passaram a interessar pelo Espiritualismo Moderno através do que lhes dei a conhecer das minhas experiências, perguntaram-me se eu poderia recomendá-los a algum bom médium neste país, mas, embora eu tenha visitado alguns daqueles que se anunciam como médiuns de testes, ainda não encontrei um suficientemente desenvolvido para dar os nomes ou mensagens características dos meus amigos espirituais.

A melhor maneira em tais circunstâncias, de averiguar a realidade das manifestações espirituais é formar círculos privados em casa, com alguns amigos íntimos que se interessem pelo assunto. Instruções para fazê-lo podem ser obtidas onde quer que a literatura espiritualista estiver à venda. Algum conhecimento da filosofia espiritual é, no entanto, aconselhável, antes de começar a realizar círculos para a investigação dos fenómenos espirituais.

Os factos que aqui afirmei devem fornecer dados suficientes para que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres tire as conclusões há muito esperadas com relação ao Espiritualismo Moderno. Se essa sociedade desejar interrogar-me sobre todas ou algumas das declarações que fiz, terei todo o gosto em dar-lhes a oportunidade, desde que notifiquem esse desejo aos meus editores, pelos quais todas as cartas para mim serão encaminhadas.

Não pretendia publicar as experiências que obtive durante as minhas viagens até retornar à terra da minha adoção, mas fui induzido a fazê-lo agora a pedido da minha estimada amiga, a Sra. Hardinge Britten, de cujas eruditas e eloquentes palestras, proferidas para grandes e apreciadas audiências em Melbourne, alguns anos atrás, obtive considerável conhecimento sobre o Espiritualismo e assuntos afins. Pelo seu grande dom inspirador, juntamente com o seu perfeito senso comum e o seu nobre desejo de elevar a humanidade, ela pode muito bem ser chamada de "A Rainha dos Conferencistas."

Termino com algumas linhas que me chegaram sem pensamento da minha parte, uma vez que exprimem as minhas experiências e os meus sentimentos numa linguagem simples:

"Vi colinas e vales na terra do paraíso encantada,
Ouvi anjos a entoar a sua voz, tão dourada;
Agarrei-me às mãos dos amados que só partiram em romagem,
E que me hão de saudar quando chegar à outra margem.

"Durante anos comunguei com os da minha mocidade,
E dos seus amados corações recebi mensagens cheias de verdade;
Os nossos filhos vêm também, para nos falar do seu amor e alegria,
E falar de como crescem no lar da angelical magia.

"Assim, a minha fé tornou-se em saber profundo,
Desvaneceu-se o medo de morrer, tão velho neste mundo;
E sei que em puro amor aos que aqui ficam vou voltar,
Guiá-los na vida com conselhos bons, e confortar.

"Se ao menos eu pudesse a todos transmitir esta visão,
Do amor de Deus que aqui só vemos como ilusão;
Feliz seria a Terra ao descobrir tão doce luz,
Pois colhemos na morte aquilo que em vida se produz.

"Não creias nos falsos credos, feitos só para enganar,
Escuta a voz interna e deixa-te por ela guiar;
À sabedoria chegarás e assim poderás dizer:
"Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó tumba, o teu poder?"

Como alguns daqueles que podem ler as experiências aqui relatadas podem sentir interesse pela Teosofia, e podem desejar conhecer os pontos de vista que defendo acerca dela, considerei correto acrescentar o seguinte: Após anos de estudo cuidadoso sobre este assunto, cheguei à conclusão de que é uma teoria muito engenhosa e plausível proposta para se encaixar com os factos, e, portanto, parece explicar esses factos a uma certa classe de mentes metafísicas, mas é uma teoria, ou conjunto de teorias, inteiramente desprovido de provas.

A esse respeito, difere inteiramente do Espiritualismo Moderno, que se baseia em demonstrações e evidências científicas, que todos os que se dão ao trabalho de investigar de forma séria e perseverante o assunto podem, em maior ou menor medida, obter para sua própria satisfação, enquanto explica plena e naturalmente todos os factos referidos.

Um teosofista, como um cristão que frequenta a igreja, deve ter a única coisa que necessária, ou seja, a fé. A menos que ele se dê ao trabalho de viajar para o Tibete, a Índia, para testemunhar os supostos poderes de uma certa classe chamada Adeptos, ele precisará tomar tudo o que diga respeito a esses homens na base da mera confiança, da mesma forma que os cristãos que vão à igreja têm que aceitar todas as declarações bíblicas, escritas por homens que viveram em eras de ignorância e superstição.

Para mim, um facto irrefutavelmente demonstrado para a maioria dos meus sentidos — a saber, ver, sentir e ouvir — vale todas as teorias plausíveis do mundo, e desafio todo o corpo dos teosofistas a acrescentar uma décima, ou mesmo uma centésima parte das evidências aqui relatadas de uma vida futura racional e natural para o homem. Poderá surpreender alguns que leram isto saber que a teoria da reencarnação é defendida por muitos no mundo espiritual, da mesma forma que milhões de pessoas ainda acreditam na fé popular e aguardam ansiosamente a aparição do seu suposto Salvador no dia do julgamento.

Tive, em diversos momentos, comunhão com vários na vida espiritual que professaram acreditar na reencarnação, e ouvi os seus argumentos a seu favor, mas quando lhes pedi as provas da sua verdade, em nenhum caso eles foram capazes de aduzir nenhuma. O facto é que Deus dotou todos os homens sãos de razão, mas Ele nunca os obriga a utilizar esse dom divino, nem nesta vida, nem na que está por vir. Ninguém, no entanto, pode verdadeiramente progredir espiritualmente, aqui ou lá, até que use a sua razão em todas as coisas e, assim, se torne semelhante a Deus.

A PERDA DO IATE "IOLANTHE"

[O que se segue é uma reimpressão de algumas cartas minhas que apareceram no *Harbinger of Light* de janeiro e abril de 1885, com respeito à morte por afogamento dos nossos dois filhos, Hugh e William. Estas cartas foram emitidas na altura em forma de panfleto, e criaram um profundo interesse pelo assunto, mas há muito que estão esgotadas, e tenho sido frequentemente solicitado, por alguns ansiosas por obter cópias, para que sejam reeditadas. - H. J. B.]

UMA DAS MUITAS VANTAGENS DE UM CONHECIMENTO DA COMUNHÃO ESPIRITUAL

Senhor – Como a atenção pública foi atraída para a minha família, durante a semana que agora se encerra, através do desaparecimento do iate Iolanthe, em que dois dos meus filhos — William, de 18 anos, e Hugh, de 20 — e um fiel empregado chamado Murray, partiram num cruzeiro na noite do dia 13, ou madrugada do dia 14 (dezembro, 1884), talvez os seguintes detalhes possam ser de interesse para os seus leitores.

Em consequência de não terem regressado como pretendiam na noite do dia 14, cheguei à conclusão de que, por ventos adversos, poderiam não estar de volta até à manhã do dia seguinte, e como não apareceram nessa altura, dirigi-me à casa do pescador que cuidava do iate para eles quando estava no seu ancoradouro na Curva dos Pescadores. Dele soube que tinham telefonado ido a sua casa na sua ausência, onde tinham mudado de roupa, deixado a que tiraram, bem como as botas do meu filho William e Murray.

Não voltando no dia 15, naturalmente ficamos muito ansiosos com eles, e na manhã seguinte cedo contactei o Sr. G. Spriggs, o clarividente médico (que tinha em uma ocasião anterior diagnosticado a minha esposa quando padecera de

debilidade nervosa, de cujo tratamento ela obteve grande benefício), solicitando-lhe que lhe fizesse outra visita, pois ela não estava tão bem de novo.

Não fiz qualquer referência à causa, pois queria deixar a mente dele perfeitamente clara, para eu poder obter um verdadeiro acompanhamento clarividente, se possível, com respeito aos desaparecidos, e no informe que se segue coloquei em itálico as minhas interpolações para torná-las mais distintas das declarações do clarividente.

Um pouco antes das 8h, o Sr. Spriggs passou por lá. Pegando na mão da minha esposa quando ele entrou em estado de transe, as primeiras palavras que ele disse foram:

"Você esteve no mar?" Ao que ela respondeu:

"Não estive, não" Ele então continuou:

"Parece haver uma grande depressão de espíritos em conexão com o mar. À noite, quando tudo está quieto, você sente uma enorme tristeza e preocupação, e parece que você dá lugar às lágrimas."

(O que era bem verdade, já que a minha esposa, ante o não-retorno dos filhos quando esperado ficou com a impressão de que algo sério lhes teria acontecido.)

Continuando o seu diagnóstico, o clarividente disse:

"A mente faz com que os nervos sejam afetados através de um estado melancólico, e todos os órgãos são por simpatia acionados através da grande depressão nervosa. Vá para o campo para mudar de ar, mas não perto do mar."

Em seguida, prescreveu um plano dietético, dizendo que "não havia necessidade de remédios, tudo o que era necessário era mudar de ares," e uma vez mais observou:

"Tudo parece associado ao mar."

Pela primeira vez, fiz agora uma ligeira referência ao que estava mais presente nas nossas mentes, perguntando:

"Consegue perceber alguma perda grave no mar?" Ao que o clarividente, ainda em estado de transe, respondeu:

"Não consigo ver que eles estejam no mundo espiritual, mas se me der algo pelo qual eu possa segui-los, esforçar-me-ei por descobrir."

Pegando nos livros de bolso dos meus dois filhos, e colocando-os na mão do clarividente, ele começou,

“Eles parecem estar em um pequeno barco na curva de um rio, eles têm uma vela grande e uma pequena." (o que era bastante acertado).

"Eles descem o que parece ser um rio largo, e têm um pouco de dificuldade com o que parece ser o mar” (evidentemente referindo-se à Baía de Hobson); "aparece como que uma torre e um cais por perto, à sua direita" (que eu tomo como sendo o farol e cais de Williamstown); "o mar parece alargar-se à medida que avançam, depois vejo a terra à sua esquerda, e parece haver nuvens a surgir como se uma tempestade se aproximasse; parecem dirigir-se para outro cais" (foram vistos a

passar pelo cais de Brighton na manhã do dia 14); "volvido um certo tempo eles esforçam-se por voltar, mas têm o vento contra, e depois de navegarem durante algum tempo eles desembarcam; eles parecem ter um pouco de dificuldade com o barco quando estão perto da costa."

(Isso eu explico pelo facto de eles não terem levado a âncora consigo, por ter ficado presa a um tronco submerso no Yarra alguns dias antes.)

"Depois de prenderem bem o barco, eles sobem um pequeno aterro e parecem estar todos molhados. Parece que está escuro, e a uma pequena distância parece haver uma grande colina ou penhascos. Eu não vejo nenhuma casa ao redor."

"Eles ficam debaixo das árvores, onde pensam nos seus amigos em casa, e estão preocupados com eles; um deles parece estar a escrever algo num papel com um lápis, e eles andam ao redor e parecem estar a considerar o que deviam fazer."

(Conjeturo que eles estivessem a hesitar se deixariam o barco lá na noite do dia 14 e voltariam para casa por terra, mas que o facto do Murray e o Willie terem deixado as botas para trás determinou o contrário.)

"Acho que você terá notícias deles hoje."

(A única notícia que recebemos deles naquele dia foi que eles foram vistos a passar por Brighton no dia 14, conforme já foi dito.)

Quando perguntei onde eles estavam agora, disse-me:

"Eles parecem estar em algum lugar na direção de Mornington, mas não consigo definir o local com exatidão, o médium nunca esteve onde eles estão. Não consigo ir mais longe nesta sessão."

Ao retomar na manhã seguinte, o clarividente continuou assim:

"Eles parecem ter descansado durante um tempo depois de desembarcarem do barco; eles andaram a olhar ao redor do banco. Passado um tempo, eles entram novamente no barco e saíram para o mar."

(Um barco que correspondia à descrição do "Iolanthe" foi visto na manhã do dia 15 às 8 horas de Frankston, ao largo de Rickard's Point, a dirigir-se na direção de Schnapper Point — isso eu apurei por telegrama).

"Depois de terem saído algum tempo, observo do lado esquerdo uma série de pedras; parece sombrio e ameaçador. Há uma nuvem pesada nas costas deles, o mar parece encrespar-se e eles voltam a fazer-se à terra, mas torna-se-lhes difícil ver o cais que querem alcançar; o vento está a mudar, as velas batem e uma delas rasga-se. Um, que não é tão alto quanto os outros, está sentado na ponta do barco e diz aos outros para fazerem alguma coisa com a vela à frente."

(Isso responde pela descrição de Murray, que não era tão alto quanto nenhum dos meus filhos, e que estaria ao leme e a cuidar da vela principal enquanto os meus filhos cuidavam da vela de proa; que eu saiba, o Sr. Spriggs nunca viu Murray nem sabia nada sobre ele em relação com o barco ou o que quer que fosse.)

"Eles parecem estar em apuros com o facto de as cordas não funcionarem corretamente."

(Houve uma pausa aqui, e a inferência deixada na minha mente foi que a catástrofe ocorreu nesse período, o que foi posteriormente corroborado em comunicações recebidas dos meus filhos.)

"Isso parece ter ocorrido a cerca de uma milha e meia da terra, em águas profundas. Há uma série de rochas nas redondezas que fazem com que a água seja mais turbulenta, e parece haver uma corrente subterrânea como se fosse um canal onde eles estão. Há um banco de areia do outro lado. Isso ocorreu na manhã do dia 15 do corrente mês."

Até ao momento em que escrevo este artigo, não recebi notícias de terra sobre o destino do barco, dos seus ocupantes ou de qualquer coisa que lhes pertencesse, não obstante o Exmo. Sr. Comissário do Comércio e Alfândega ter gentilmente mandado procurar pelas costas da Baía pelo a Vapor do Governo *Dispatch*, e o Secretário-Chefe ter ordenado que a costa de Brighton a Sorrento fosse patrulhada pela polícia para ver se havia vestígios deles que pudessem ser descobertos.

No dia 17 sentámo-nos num círculo para tentar ouvir alguma coisa dos desaparecidos da parte dos nossos amigos espirituais. O médium era controlado por um dos seus guias, que dizia que alguém que havia deixado recentemente a vida terrena desejava falar connosco, pelo que ele se ia retirar por um curto período de tempo. O médium foi então controlado com dificuldade por Willie, o mais novo dos meus dois filhos, que parecia estar muito angustiado, e soluçava de forma amarga. As primeiras palavras que proferiu foram:

"Ah! perdoa-me, mãe; a culpa foi toda minha."

Foi ele quem comprou o iate em conjunto com Murray, que tinha cerca de 30 anos de idade. O seu irmão Hugo só foi com eles para lhes fazer companhia. Willie ainda estava fraco demais para falar muito, mas afirmou que estava feliz e que não sofrera muito com o falecimento; que não devíamos chorar por eles, pois estavam seguros num mundo mais resplandecente; e se fizéssemos uma sessão novamente na noite seguinte, eles se esforçariam para nos contar como aquilo ocorrera. Todos nós nos reunimos na noite do dia 18, quando os meus dois filhos falaram através do médium.

O mais velho, Hugh, apresentava todos os sinais de ter ressuscitado depois de ter sido afogado. Foi bastante doloroso testemunhar as contorções do rosto do médium e a respiração pesada que se verificou antes de o Hugo conseguir falar através dele. Desde então, tivemos duas sessões, e vou resumir o que nos disseram. Posso observar, entre parênteses, que Murray proferiu algumas palavras através do médium uma noite dessas. Ele disse:

"Oh, Sr. Browne, diga à minha mãe que eu estive [aqui]. Pode-me perdoar, Sra. Browne?"

Ao que foi dada uma resposta afirmativa. Ele continuou:

"Espero que você me desculpe por me ter intrometido esta noite. Obrigado por me deixarem vir."

O meu filho Willie de seguida comentou:

"A mente de Murray foi muito aliviada por esta curta entrevista e pelo perdão tão magnanimamente concedido."

A minha esposa havia pedido aos três que não saíssem no iate na noite do dia 13; mas eles estavam tão ansiosos por pôr à prova suas qualidades de marinheiros, depois de o terem pintado e deixá-lo preparado desde que a compraram, que não se importaram que o mar estivesse tempestuoso ou não, e partiram em conformidade.

Ambos os meus filhos corroboram as descrições do clarividente sobre o seu cruzeiro, só que disseram que foi mais perto do lado de Cheltenham do que do lado de Mornington da baía, enquanto viravam de bordo (contra o vento) entre Rickard's Point e Schnapper Point, que o Iolanthe se voltou, encheu de água e afundou.

Desembarcaram na noite do dia 14, conforme afirmara o clarividente; e ao indagar sobre a descrição em que um deles escrevera um papel, foi explicado que eles chegaram a cogitar deixar o barco lá até que o vento se tornasse favorável, só que mudaram de ideia, em parte porque Murray, que era considerado um bom velejador, não gostou da ideia de voltar sem trazer o barco com ele, e por ele e o meu filho Willie não terem as botas para entrar em casa.

O papel foi evidentemente escrito para informar qualquer pessoa que visse o barco lá que os proprietários iriam voltar para ele, e para não lhe mexerem. As palavras que Willie empregou foram:

"O Hughie desejava que fossemos a pé para casa, mas quando viu Murray e eu entrarmos no barco, ele seguiu-nos e rasgou o papel. Eu não senti perigo até que o barco se voltou e eu me vi na água. Tentei nadar, mas as ondas quebravam sobre mim, fazendo com que logo perdesse toda a consciência. As últimas palavras que a Mãe disse quando saímos de casa acudiram-me à mente assim que eu me vi no mar, o que me impediu de sentir qualquer dor corporal. Eu parecia adormecer e sonhei que estava com a Mãe e todos vós. Devo ter dormido mais de um dia. Quando acordei, encontrei Archie, Ada [seu irmão e irmã, que faleceram há cerca de cinco e doze anos respetivamente], o avô e a avó [o meu pai e a minha mãe] ao meu redor.

"Não me deixaram vir comunicar convosco antes da altura em que vim, pois diziam que eu estava demasiado fraco para falar de forma satisfatória, de modo a levar-vos a compreender que era eu que me dirigia a vós. Até ter forças, não consegui sair do meu lar do espírito. Hugo sentiu-se ansioso por vir na primeira noite em que falei através da médium, mas o avô convenceu-o a não o fazer até que estivesse mais forte, a fim de poder controlar de uma forma mais positiva. Passado um tempo, vários amigos espirituais vieram acolher-nos no mundo espiritual. Pediram-me para manter a mente em repouso durante um tempo, até ganhar forças. Vi, como esperava, uma grande mudança no Archie, embora não o conhecesse no início. A Ada cresceu muito; ela está constantemente a beijar-me."

Em resposta às minhas perguntas, Willie disse:

"Foi por volta das 9 horas da manhã de segunda-feira (dia 15), mais perto do lado de Cheltenham do que do lado de Mornington da baía, que o Iolanthe naufragou. Foi ao tentar mudar de direção que ele se virou; os cabos da vela da proa enrodaram-se, e ele ficou fora de controlo. Eu sucumbi primeiro, o Hughie e o

Murray por último. A mudança chamada morte é como mergulhar no sono, um ligeiro formigamento no cérebro, como se fosse dos efeitos de um leve golpe. Você pensou, mãe, que sofremos muita dor ao falecer. Não sofremos."

Dirigindo-se ao irmão, que estava presente, ele disse:

"Colin, como é que vai ser com os livros?"

(Willie exercia a função de contabilista no meu escritório, facto que o médium ignorava.)

Eu respondi: "Não te preocupe com isso; vamos organizar tudo pelo melhor."

Ele então disse: — "Mãe, se você pudesse ver como estamos felizes, e a bela casa em que estamos, você não choraria, a não ser de alegria. Sinto muita leveza no meu corpo espiritual e não tenho dor. Se não voltasse para estar contigo e com o Pai, o mundo espiritual é tão belo que eu não trocaria esta vida pela vida terrena, mesmo que tivesse no meu poder tal coisa.

"Há uma cadeia magnética muito forte entre você e eu, Mãe. Sinto maior ansiedade por si do que por todos os outros. Saia de manhã com a Emily, e descansem à tarde, ambas. Não traga nenhum estranho para o círculo, uma vez que isso haveria de suscitar de volta a memória do que aconteceu. Queremos olhar para o futuro e não para o passado. Temos que agradecer ao Papá por ter mantido as portas espirituais abertas para que possamos voltar e falar com aqueles que amamos. O avô diz: 'Diz-lhe que mantenha sempre acesa a lamparina da verdade espiritual'. Gostaria que houvesse médiuns mais desenvolvidos do que os que existem; espíritos desafortunados sem número aguardam ansiosamente por comunicar com os amigos na terra quando a oportunidade lhes é concedida. Eu estive na escola da Ada, onde eles têm aulas para todos os tipos diferentes de estudos.

"As crianças são levadas para o jardim e as várias plantas são-lhes explicadas; também lhes ensinam a viajar. O corpo espiritual é tão leve quanto o ar e não é impedimento para os nossos movimentos. Simplesmente fixando a minha mente num determinado lugar, eu encontro-me lá quase instantaneamente. O Archie vai me acompanhar até eu ficar mais forte e saber viajar. O Dr. Robinson deseja que eu diga que todos os amigos aqui enviam as suas mais gentis condolências à Mamã, e diz que ela deve suportar e não se preocupar agora que somos capazes de voltar e falar com ela. Mãe, não deixe que isso a perturbe mais; estamos felizes. Preciso despedir-me de todos vós. Diga ao João como estamos felizes e lembre-nos gentilmente a ele e a todos os amigos da terra."

O meu filho Hugh diz: — "Oh! Posso voltar. Esta é uma verdade gloriosa. Se eu não pudesse voltar, não sei o que faria. Quando me disseram que eu podia fazê-lo, saltei de alegria. Ninguém que não o tenha experimentado consegue perceber o prazer que é voltar e falar com aqueles que deixamos na terra. Não nos separamos, mãe; estamos mais perto do que nunca. O Willie e eu estaremos constantemente consigo. Sinto-me muito bem e estou muito feliz. É com imenso prazer que venho falar convosco. Ficarei ainda mais feliz quando voltar a vê-la bem, Mamã; poderemos então vir mais fortes através do médium. Não se importe com os nossos corpos, Mamã, não nos interessam mais.

"Eles estão bastante decompostos por terem estado tanto tempo na água. Os nossos corpos somem-se, mas os nossos espíritos tornam-se mais fortes. Sinto um

pouco de frio quando volto por meio do médium, e o avô diz que vou sentir isso durante um tempo, mas que se vai desvanecer dentro de algum tempo."

Ao lhe pedir para relatar o que aconteceu depois que ele saiu de casa no dia 13 com o irmão e Murray, ele respondeu: — "O Willie contou tudo sobre isso. Quando desembarcamos na noite do dia 14, eu queria que o Murray e o Willie deixassem o barco até uma outra altura e voltassem para casa, mas como eles não fizeram isso, e eu entrei no barco, eu acompanhei-os, pois não podia deixar o Willie — não, eu não podia."

(Ele aqui deu lugar às lágrimas, e mudou a linha da conversa, acrescentando:)

"Quando o barco se virou, fomos todos arremessados para a água. O Willie conseguiu subir para o iate de novo enquanto ele estava a encher-se de água, e afundou com ele. O Murray nadou para a costa, mas eu esperei por Willie — eu não podia deixá-lo. Quando ele veio novamente à superfície, chamei-o, mas ele não parecia ouvir-me. Olhei em volta para ver se havia uma vela à vista, mas não havia nenhuma que nos ajudasse. As suas palavras de despedida acudiram-me então, mãe. Não senti dor no afogamento. A angústia mental parece matar a dor. Foi uma visão horrível, mas agora acabou, e estamos felizes — então não se preocupe, mãe, estaremos frequentemente com todos vós.

"Ah! Mamã, se você pudesse ver o nosso lar no espírito, você ficaria imensamente satisfeita. Não chore, mãe querida; quando o faz, faz-nos sentir infelizes. Não preciso dizer-lhe, pai, que lugar bonito é o mundo espiritual, pois você já o sabe. Estou grato por podermos falar juntos. O que não deverão passar aqueles que não conhecem esta gloriosa verdade. Se eu não pudesse voltar, eu sentir-me-ia infeliz. Volto amanhã à noite. Tive todo este peso tirado da minha mente esta noite. Eu queria vir na primeira noite em que o Willie falou, mas eu não quereria fazê-lo no caso de a levar a chorar, Mãe.

"Espero não ter prejudicado o médium na primeira vez que tentei falar através dele. Os meus agradecimentos à Emily por vir confortar a mãe. O avô não vai permitir que muitos amigos venham ver-nos até ficarmos mais fortes. O descanso, diz ele, é necessário para o corpo espiritual durante algum tempo depois de entrar no mundo espiritual. Que coisas estranhas nos dizem alguns dos nossos amigos quando nos vêm ver."

Ao perguntar o que ele desejava que fizéssemos com os seus cães cinzentos e as suas pequenas coisas, ele respondeu:

"Quando ficarmos mais fortes e a mamã estiver melhor, seremos capazes de vir e dizer o que queremos que você faça com elas. Diga à Maria e à Sara que estamos ambos felizes. Papá querido, agradeça a todos os nossos amigos pela amável compaixão que sentem por nós. Diga-lhes que estamos no mundo melhor, após termos falecido repentinamente sem qualquer dor, cujo único sofrimento decorre dos pensamentos da Mamã e de todos em casa.

"Diga-lhes que nunca esqueceremos a sua amizade e peça-lhes que se lembrem sempre de que há uma vida para além da da terra. Nós percebemos isso, e podemos dizer positivamente que podemos voltar e manter comunhão com os nossos amigos. Peça-lhes que incentivem a mediunidade, para que o mundo espiritual não seja tão vazio como é para a maioria das pessoas, mas uma

realidade viva, como a Mamã e o Papá sabem. Diga-lhes que a morte não aniquila o nosso amor, mas aumenta o afeto que sentimos pelos que ficaram para trás.

“Diga-lhes que leiam aquele belo poema que você costumava citar ("I Still Live," “eu Ainda Vivo” de Lizzie Doten). Peça-lhes que reflitam nas declarações que ele encerra e que julguem por si mesmos."

Voltando-se para a mãe, ele comentou: "Não estou a sair-me bem, mãe?" (referindo-se ao que ele vinha ditando).

"Ah, mas estás a ser assistido pelo teu avô, não estás?" perguntei eu, e ele imediatamente admitiu ser o caso. Ele prosseguiu: "

Nós fazemos como o Sr. Spriggs; diga-lhe que tenha cuidado consigo próprio, pois ele não sabe quão valiosa é a sua mediunidade para os que estão na vida espiritual, bem como para aqueles que estão convosco. Recorde-nos com amabilidade a ele. O Willie quer vir agora, por isso boa noite."

Segue-se um discurso dos meus filhos Hugo e Willie, feito por parte deste último, assistido pelo meu pai, aos amigos na terra: -

"Caros amigos — Agradecemos a todos a amável simpatia demonstrada por vocês para com a Mamã e o Papá, e os sentimentos gentis que expressaram por nós. Passamos para o mundo espiritual de repente, mas ambos podemos dizer que não foi uma morte dolorosa. Foi como mergulhar no sono, só que acordamos rodeados das belezas gloriosas do mundo espiritual."

"Enviamos-lhes as nossas saudações a todos, e só pedimos uma coisa, que procurem esta grande verdade que agora percebemos. Não podemos expressar a alegria e o prazer que nos proporciona voltar e falar com os nossos pais.

"Vivam, queridos amigos de modo que não tenham medo de morrer; então não haverá nada a recear na 'morte,' pois Deus e os Seus santos anjos são bons.

"Dos vossos carinhosos amigos na vida espiritual,

"HUGH MACKENZIE BROWNE e

WM. MACDONALD BROWNE"

"EU AINDA VIVO"

Ó Tu, cujo amor é eterno tanto agora como sempre será,
Fonte de toda existência! Tua bondade aclamará.
Senhor, eu quero louvar-Te por tudo o que tens a dar,
Mas mais que tudo, ó Pai amado, por viver me deixar.

Eu vivo! Ó vós que amastes, vossa fé não foi em vão!
Do vale escuro e sombrio, retorno ao vosso chão.
Seguro no amor que guia, com passo firme eu vou –
Minha casa é entre os anjos; não digam que morta eu estou!

Não findei! Fui elevado acima de todo sofrer,
Agora entendo a vida e o seu poder em meu ser –
O poder de, livre e leve, do luto e da dor me afastar,
E em puro ar celeste inspiração respirar.

Sentir que as tempestades humanas já se foram,
E que a minha arca repousa no monte, onde não choram.
Enviar, como a pomba de Noé, meu anseio ao céu,
E vê-lo retornar, com paz que Deus concedeu.

Voar em ampla liberdade nos céus de luz e cor,
E entre os anjos captar o brilho do santo amor;
Sentir o Pai presente, tão perto ou tão distante,
E ver Sua glória eterna crescer a cada instante;

Sentir-me elevado e forte, sem tempo ou espaço a pesar –
Ouvir todo mal silenciar num hino a se elevar;
Saber que o erro e o pecado, à luz, vão se esclarecer,
E o que chamamos "mal" é só bem a se desenvolver;

Ficar, em êxtase pleno, num monte celestial,
E ver o sol divino afastar a sombra mortal;
Sentir que toda a criação de amor e júbilo é feita –
Oh, meus amados na Terra, isto é vida perfeita!

Lá, olhos que se fecharam na escuridão abrirão para o amanhecer,
E aqueles que a morte tomou renascerão, para viver.
O coxo saltará de alegria, o cego há de se alegrar ao ver,
O escravo não terá senhor, o preso será livre de viver.

Ali, os que carregaram fardos de peso e dor
Deporão suas cruzes e obterão o louvor.
Corações famintos de amor, na solidão a clamar,
Encontrarão afeição angelical no lar.

Filhos do Pai divino, chorai por nós, mas não!
Como pétalas caídas, ou orvalho pelo chão,

Não olhem para a tristeza, mas para o alto, no além;
Deixaram só seus mantos – a alma vive também.

Eles vivem! E o elo eterno que pensastes se quebrou,
Ainda intacto e firme em amor se confirmou.
Esse elo foi forjado por mãos além do humano poder,
E cada vínculo é tão forte que jamais vai perecer.

Vivem! Mas não em ócio, descansando em paz silente,
Pois quem ama a Deus verdadeiramente serve contente.
O amor torna o trabalho leve e o dever sempre doce;
Mãos não se cansam, pés não param, no bem que a alma trouxe.

Assim, por este mundo belo e por esta vida de luz,
E pelos anjos santos que nos guiam e nos conduz,
Eu juro minha alma inteira ao esforço de ajudar
A bênção ao irmão levar, e a irmã, ao seu lugar.

Ó Tu, cujo amor é eterno, agora e sempre será,
Fonte de toda existência! Tua bondade aclamará.
Senhor, eu quero louvar-Te por tudo o que tens a dar,
Mas mais que tudo, ó Pai amado, por em vida me deixar.

* * *

A tumba parece tão fria e calada,
Silêncio pesado, escuridão velada,
Para quem há tão pouco, em tons rosados,
Vivia a vida, de luz encantados.

Seu corpo depositamos na sombra tão densa,
Mas sabemos: sua alma jamais se dispensa.
Ela não dorme no eterno vazio –
Seu espírito vive, em amor, no bravio.

Oh! bendito evangelho, que traz seu conforto,
Balsamo aos corações que choram absortos,
Sob o canto soturno da morte a soar,
Oh, o coro celeste vem nos despertar!

Tão grandioso, tão belo, invade os sentidos,
Dos anjos da luz, os cânticos benditos.

* * *

Oh! o que é a morte? Um breve soprar –
Uma simples, bendita mudança.
É romper um grilhão, para a alma alcançar
Mais alto e amplo espaço de esperança.

Oh! embora choremos, quando os amados
Dormem e a rosa da face esmaece,
Seus corpos de luz, apenas velados,
Estão além do véu que os encobre e desce.

* * *

O esquife aqui deixamos,
Ao tempo a fenecer;
A joia rara que guardou
Já saiu de seu ser.

O esquife é só poeira –
Um corpo mortal, enfim;
E já sem propósito algum,
Volta ao pó de onde vim.

A alma imortal que havia
Nasce em outro lugar,
E, já sem precisar do corpo,
À terra vai retornar.

Que aqui possamos, então,
Com bondade e amor lutar,
Para que em júbilo nos encontremos
Na grande morada ao lar.